



# PLANO BÁSICO AMBIENTAL PORTO SUL

ELABORAÇÃO DO PLANO BÁSICO AMBIENTAL DO  
PORTO SUL E DOS ESTUDOS COMPLEMENTARES  
NECESSÁRIOS À SOLICITAÇÃO DA SUA LICENÇA  
DE IMPLANTAÇÃO

PROGRAMA DE RESGATE E AFUGENTAMENTO DA  
FAUNA TERRESTRE



## PORTO SUL – BAMIN

## PROGRAMA BÁSICO AMBIENTAL – PBA

PROGRAMA DE RESGATE E AFUGENTAMENTO DA FAUNA  
TERRESTRE

Novembro de 2014

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>1.1. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO</b> .....	<b>7</b>
<b>1.2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA</b> .....	<b>9</b>
<b>1.3. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1. OBJETIVO GERAL</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	<b>12</b>
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
<b>3.1. RESGATE PRÉ-SUPRESSÃO</b> .....	<b>14</b>
3.1.1. <u>Armadilhas de Interceptação e Queda (Pitfall traps)</u> .....	16
3.1.2. <u>Armadilhas Live trap (modelos Sherman e Tomahawk)</u> .....	19
3.1.3. <u>Procura Visual Ativa (PVA)</u> .....	20
<b>3.2. ACOMPANHAMENTO DO RESGATE DE FLORA</b> .....	<b>21</b>
<b>3.3. RESGATE DURANTE A SUPRESSÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>3.4. AFUGENTAMENTO DA FAUNA</b> .....	<b>21</b>
<b>3.5. PROCEDIMENTOS DE MANEJO</b> .....	<b>22</b>
3.5.1. <u>Invertebrados</u> .....	23
3.5.2. <u>Anfíbios</u> .....	26
3.5.3. <u>Répteis</u> .....	27
3.5.4. <u>Aves</u> .....	29
3.5.5. <u>Mamíferos</u> .....	31
<b>3.6. MARCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS</b> .....	<b>35</b>
<b>3.7. TRANSPORTE</b> .....	<b>39</b>
<b>3.8. PROCEDIMENTOS MÉDICO-VETERINÁRIO</b> .....	<b>40</b>
<b>3.9. DESTINAÇÃO</b> .....	<b>41</b>
3.9.1. <u>Áreas de soltura</u> .....	41
3.9.2. <u>Coleções zoológicas</u> .....	41

<b>3.10. CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DOS ANIMAIS SILVESTRES (CETRAS).....</b>	<b>42</b>
<b>3.11. TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE.....</b>	<b>45</b>
<b>3.12. CONVÊNIO COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E ENSINO SUPERIOR ....</b>	<b>46</b>
<b>4. LEGISLAÇÃO APLICÁVEL .....</b>	<b>46</b>
<b>5. CRONOGRAMA FÍSICO .....</b>	<b>47</b>
<b>6. MEDIDAS MITIGADORAS RELACIONADAS.....</b>	<b>49</b>
<b>7. INTERRELAÇÃO COM OUTROS PROGRAMAS .....</b>	<b>49</b>
<b>8. EQUIPE TÉCNICA.....</b>	<b>49</b>
<b>9. RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PROGRAMA.....</b>	<b>50</b>
<b>10. RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROGRAMA .....</b>	<b>50</b>
<b>11. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## ANEXOS

- Anexo 1 – Lista de espécies confirmadas e de potencial ocorrência da ADA do empreendimento Porto Sul
- Anexo 2 – Lista de material que será utilizado durante a execução do PRAFT
- Anexo 3 – Plantas do CETAS, Alojamento e Recintos Externos
- Anexo 4 – Cartas de intenção
- Anexo 5 – Cadastro Técnico Federal - CTF IBAMA

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 - Localização do Porto Sul.....	8
Figura 1.2 - Empreendimento Objeto de Licença de Implantação.....	9
Figura 3.1 - Modelo representativo da armadilha Pitfall trap.....	16
Figura 3.2 - Modelos de arranjos de grids de armadilhas Pitfall trap: A) arranjo circular utilizado ao redor de corpos d'água; B) arranjo em linha reta; e C) arranjo em formato de Y .....	17
Figura 3.3 - Exemplo de parcela de 10.000m2 com os grids de armadilhas Pitfall trap que serão utilizadas durante a execução do PRAFT .....	18
Figura 3.4 - Representação dos lotes constituídos de girau organizados entre os grids de Pitfall trap .....	18
Figura 3.5 - Modelo de girau, onde será colocado a serapilheira e a vegetação herbácea após a PVA.....	19
Figura 3.6 - Equipe de técnicos do Programa de Resgate executando a PVA noturna.....	20
Figura 3.7 - Tenda de apoio com cadeira e mesa para procedimentos técnicos será montada nos lotes durante a execução do PRAFT .....	22
Figura 3.8 - Modelo de pinças anatômicas utilizadas na captura de invertebrados terrestres .	23
Figura 3.9 - Modelo de potes plásticos utilizados para acondicionamento temporário de algumas espécies de invertebrados, anfíbios e répteis.....	24
Figura 3.10 - Deslocamento de enxame de abelha italiana e modelo de caixa abrigo utilizadas para remoção de enxames de abelhas .....	25

Figura 3.11 - Modelos de caixas tipo sanremo para acondicionamento de anfíbios de grande porte e répteis de médio porte .....	26
Figura 3.12 - Modelo de pinção herpetológico para contenção de serpentes .....	27
Figura 3.13 - Modelo de gancho herpetológico para contenção de serpentes .....	28
Figura 3.14 - Modelo de caixas tipo Butantã para acondicionamento de serpentes peçonhentas .....	28
Figura 3.15 - Modelos de laço com cambão utilizado na captura de jacarés .....	29
Figura 3.16 - Modelos de puçá ornitológico utilizado na captura de aves.....	30
Figura 3.17 - Modelos de gaiolas para acondicionamento de aves de pequeno e médio porte..	30
Figura 3.18 - Modelo de puçá mastozoológico para captura de mamíferos de médio e grande porte .....	32
Figura 3.19 - Modelos de caixas de madeira para acondicionamento temporário e transporte de alguns mamíferos de médio a grande porte .....	32
Figura 3.20 - Exemplar de <i>Euphractus sexcinctus</i> sendo liberado e modelo da caixa de transporte para mamíferos de médio a grande porte.....	33
Figura 3.21 - Modelos de caixas de transporte para mamíferos de médio porte.....	33
Figura 3.22 - Modelos de caixas tipo biotério para acondicionamento de mamíferos de pequeno porte .....	34
Figura 3.23 - Kit de Bioelastômero utilizado na marcação de anfíbios e répteis de pequeno porte.....	35
Figura 3.24 - Marcação em anfíbio com bioelastômero em luz ambiente.....	35
Figura 3.25 - <i>Leptotilla rafxilla</i> (Juriti-gemeadeira) marcada com anilhas colorida e numerada CEMAVE .....	36
Figura 3.26 - Modelo de microchip de aplicação subcutânea utilizado na marcação de répteis de médio a grande porte e de mamíferos de médio a grande porte .....	37
Figura 3.27 - Aplicação de microchip em exemplar de <i>Tamandua tetradactyla</i> .....	37
Figura 3.28 - Modelo de brinco de inox para marcação de pequenos mamíferos.....	38
Figura 3.29 - Anilha alfa-numérica usada como marcação sendo colocada em exemplar de <i>Carollia perspicillata</i> .....	38
Figura 3.30 - Modelo de carreta que será utilizada durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão.....	39
Figura 3.31 - Modelo de quadriciclo 4x4 Honda que será utilizado durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão.....	39
Figura 3.32 - Perspectiva do CETRAS e Alojamento .....	43
Figura 3.33 - Perspectiva dos recintos tipo 1 .....	44
Figura 3.34 - Perspectiva dos recintos tipo 2 .....	45

## LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 - Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul	13
Quadro 3.2 - Quadro representativo do plano de supressão.....	15
Quadro 4.1 - Legislação Federal Aplicável ao Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna	46
Quadro 5.1 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas Prioritárias.....	47
Quadro 5.2 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas não Prioritárias.....	48
Quadro 8.1 - Perfil da Equipe Técnica Responsável pelo Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna .....	49



## APRESENTAÇÃO

Os Programas que constituem o Plano Básico Ambiental – PBA do Porto Sul são apresentados em conformidade com a Licença Prévia Ibama nº. 447/2012. São abordados, no âmbito do PBA, 37 Programas listados a seguir:

- 1 Programa Ambiental para a Construção
- 2 Programa Compensatório de Plantio
- 3 Programa de Adequação da Infraestrutura das Comunidades do Entorno do Empreendimento
- 4 Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre**
- 5 Programa de Apoio à Contratação e Mão de Obra Local
- 6 Programa de Apoio ao Empreendedorismo
- 7 Programa de Capacitação da Mão de Obra Local
- 8 Programa de Compensação Ambiental
- 9 Programa de Compensação da Atividade Pesqueira
- 10 Programa de Comunicação e Interação Social
- 11 Programa de Controle de Erosão e Assoreamento
- 12 Programa de Educação Ambiental
- 13 Programa de Emergência Individual (PEI)
- 14 Programa de Gerenciamento de Efluentes
- 15 Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS)
- 16 Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR)
- 17 Programa de Gestão Ambiental (PGA)
- 18 Programa de Gestão e Monitoramento da Linha de Costa
- 19 Programa de Implantação dos Sistemas Locais de Habitação e Planos Locais de Habitação
- 20 Programa de Mitigação das Interferências no Sistema Viário
- 21 Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira
- 22 Programa de Monitoramento da Batimetria
- 23 Programa de Monitoramento da Biota Aquática
- 24 Programa de Monitoramento da Fauna Terrestre
- 25 Programa de Monitoramento da Qualidade do Ar
- 26 Programa de Monitoramento das Águas e Sedimentos
- 27 Programa de Monitoramento de Flora
- 28 Programa de Monitoramento de Ruídos e Vibrações
- 29 Programa de Prevenção à Exploração Sexual
- 30 Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial
- 31 Programa de Reassentamento e Desapropriação
- 32 Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD)
- 33 Programa de Reorientação da Atividade Turística no Litoral Norte
- 34 Programa de Reposição da Vegetação de Nascentes, Matas Ciliares e Manguezais
- 35 Programa de Resgate de Flora
- 36 Programa de Valorização da Cultura
- 37 Programa de Verificação e Gerenciamento da Água de Lastro dos Navios

Este programa foi revisado em atendimento aos Pareceres Técnicos PAR. 02001.003291/2014-17 e PAR. 02001.003765/2014-21 COPAH/IBAMA.

## 1. INTRODUÇÃO

Este documento propõe um Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT), da Área Diretamente Afetada (ADA) para instalação da primeira etapa do Porto Sul, situado na localidade Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia.

O presente projeto atende um dos condicionantes legais de licenciamento para a implantação do empreendimento, onde ocorrerá supressão de vegetação, e conseqüente impacto direto para a fauna e flora local e esta de acordo com a Instrução Normativa N° 146/2007 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Esta Instrução Normativa estabelece os critérios e padroniza os procedimentos relativos a fauna no âmbito do Licenciamento Ambiental de empreendimentos, como Salvamento, Resgate e Afugentamento da Fauna.

O resgate e afugentamento da fauna terrestre é considerado uma importante ferramenta mitigadora dos impactos provocados à fauna silvestre decorrentes da supressão de qualquer vegetação nativa de áreas onde se programe uma alteração de origem antrópica, seja por um empreendimento de pequeno ou grande porte.

A importância da execução deste plano de resgate pode ser mensurada de diversas formas, tais como: afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem; resgatar os espécimes da fauna silvestre antecedendo e durante a supressão da vegetação; reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas protegidas e similares a que foram resgatados; recuperar animais que tenham sua integridade afetada durante a supressão; enviar espécimes animais para instituições que se enquadrem como criadouros conservacionistas que estejam interessadas na formação de plantéis reprodutores; conhecimento científico da fauna local e regional; constituição de coleção científica para instituições de pesquisa; formação de um novo corpo técnico especializado em resgates de fauna; e formação de multiplicadores de consciência ambiental através de trabalhos.

Na última década, muito se tem discutido sobre os reais impactos das ações dos Programas de Resgate e Afugentamento da Fauna. Rodrigues (2006) afirma que tais procedimentos de translocação da fauna se tratam de uma falácia, desestabilizando ecologicamente ainda mais as áreas adjacentes ao empreendimento e as áreas de soltura. Utilizando a teoria da ecologia comportamental, Rodrigues (2006) afirma que a territorialidade de algumas espécies animais, que se dá pela competição de recursos, como alimentos, abrigos e parceiros reprodutivos, não é levada em conta. Quando, uma área que está em equilíbrio recebe novos indivíduos, muitas vezes resulta em uma superpopulação da espécie e até que essas populações encontrem o equilíbrio novamente, muitos indivíduos irão a óbito por disputas territoriais e falta de recursos. É citado, ainda que a territorialidade não é o único aspecto que pode provar a ineficiência dos resgates de fauna, assim como a disseminação de doenças e a descaracterização do perfil genético da população residente. Rodrigues (2006) sugere, que para evitar a desestabilização de novas áreas além da área de instalação do empreendimento, o alto número de injúrias e mortes devido às lutas territoriais e menor aptidão para todos os indivíduos da população, que todos os animais capturados em Programas de Resgate e Afugentamento da Fauna devem ser coletados e depositados em coleções zoológicas de Instituições de Pesquisa.

Considerando os dois pontos de vista muito importantes, é preciso chegar a um consenso. Em um empreendimento desse porte, estima-se um número bastante elevado de animais capturados, principalmente da herpetofauna, número esse que realmente impactaria as áreas adjacentes e



áreas de soltura causando desequilíbrios das populações da fauna da região, porém com estudo de avaliação das populações das áreas adjacentes e de soltura e monitoramento das mesmas pode-se tentar chegar a uma porcentagem de indivíduos de cada espécie que pode ser solta sem causar superpopulações (excluindo-se as espécies ameaçadas). Aumentar o número de áreas de soltura também pode ser uma alternativa. Com base nisso, durante o Programa de Resgate e Afugentamento da fauna, uma porcentagem dos animais capturados será destinada à coleções zoológicas de Instituições de pesquisa.

Todos os espécimes de vertebrados (anfíbios, lagartos, aves e mamíferos) que forem soltos serão marcados para servirem como ferramenta de monitoramento para avaliação do impacto durante a instalação e posteriormente nas áreas escolhidas para soltura. O que permitirá um acompanhamento real da adaptação das populações de espécies da fauna que foram relocadas para áreas de soltura.

Entre os anos de 2008 e 2011, foram efetuadas atividades de levantamento e diagnóstico da fauna vertebrada na Área Diretamente Afetada (ADA), na Área de Influência Direta (AID) e na Área Indiretamente Afetada (AII) pelo empreendimento, estes dados foram incluídos no EIA (Estudo prévio de Impacto Ambiental) do empreendimento Porto Sul. Os dados do EIA permitiram que se traçassem estratégias específicas para essas ações ambientais de acordo com as características da fauna local e subsidiaram planos ambientais, dentre outros, o Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT).

Sendo assim, o presente programa apresenta objetivos, metodologias com os procedimentos específicos para cada grupo, equipe, estrutura e equipamentos a serem adotados para o resgate e afugentamento da fauna da ADA do empreendimento Porto Sul.

## 1.1. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

O Porto Sul é um empreendimento concebido no Planejamento Estratégico do Estado da Bahia e corresponde ao Porto ligado à Ferrovia de Integração Oeste-Leste no Oceano Atlântico. Esta Ferrovia articula este porto marítimo com as regiões produtivas do oeste da Bahia e o Brasil Central. Seus objetivos estruturantes são:

- Reverter o processo de concentração da economia estadual na RMS;
- Reinsere o Estado no mercado nacional e global;
- Rearticular o Estado com seu próprio território;
- Reverter a atual dinâmica de decadência econômica vivida pela região a partir da crise do cacau.

O empreendimento se localiza na Costa Leste do Brasil, no litoral norte do município de Ilhéus-BA, entre as localidades de Aritaguá e Sambaituba, nas proximidades com o rio Almada. A **Figura 1.1** mostra a localização do empreendimento.

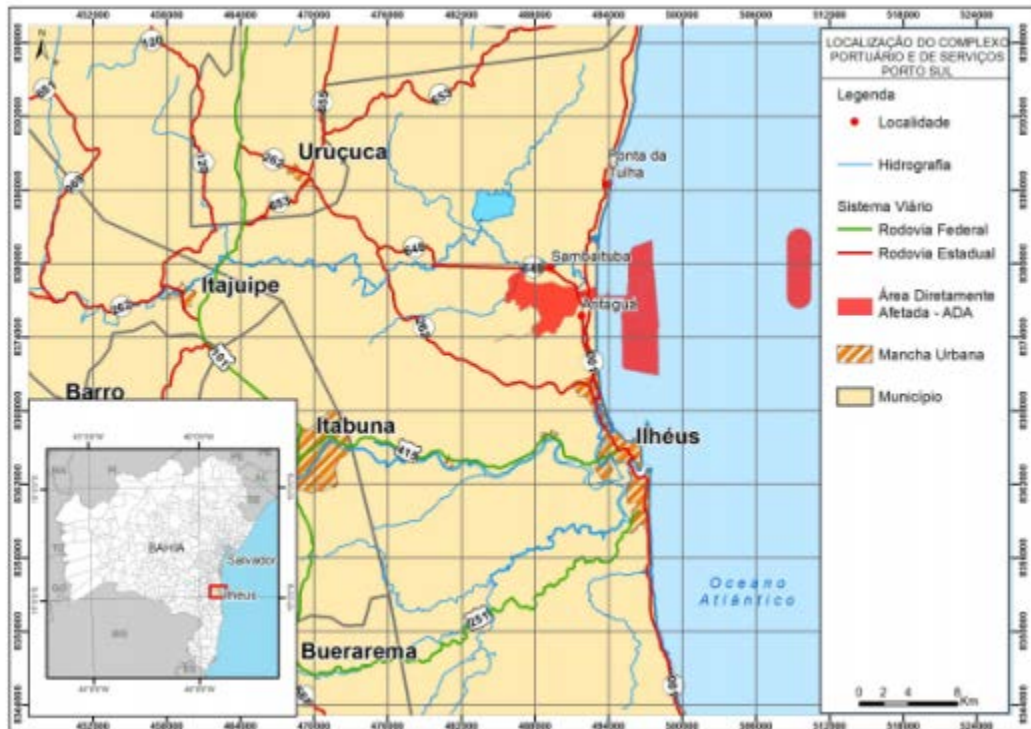


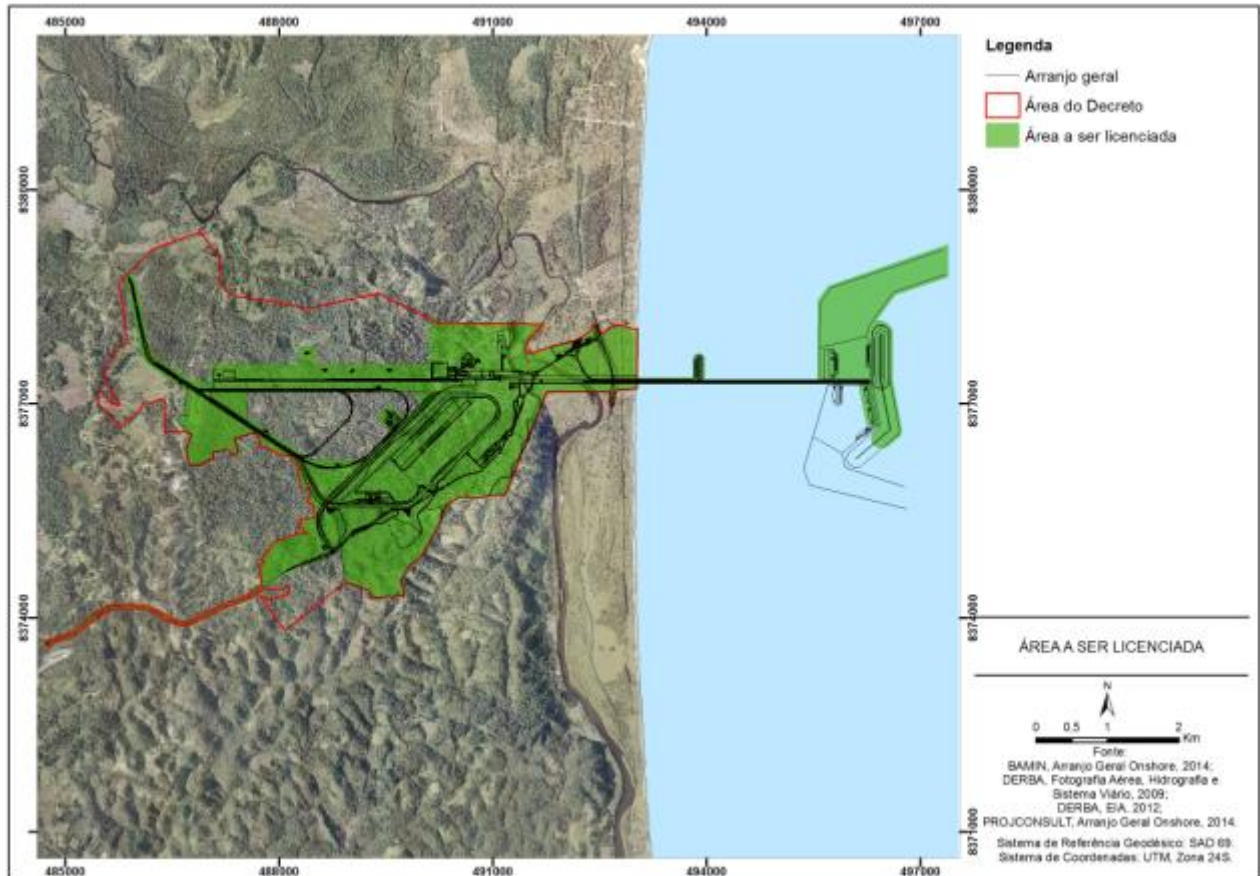
Figura 1.1 - Localização do Porto Sul

Diversos estudos foram realizados durante o processo de obtenção de Licença Prévia. Todos estes estudos foram realizados ponderando de forma integrada as repercussões da implantação e operação do Porto Sul, que inclui um Porto Público e o Terminal Privado da Bahia Mineração. Este processo culminou com a emissão da Licença Prévia nº. 447/12 por parte do IBAMA, em 14 de novembro de 2012.

Nesta nova etapa do processo do licenciamento (Licença de Implantação) estão sendo consideradas as seguintes estruturas para funcionamento geral do Porto e do Terminal Privado da BAMIN:

- acessos rodoviários e ferroviários ao porto, áreas comuns ao Porto Público e a BAMIN;
- parte dos acessos rodoviários e ferroviários internos ao Porto Público;
- seções da ponte marítima para atendimento ao terminal da BAMIN e do Porto Público;
- parte do quebra-mar para atendimento ao terminal da BAMIN e do Porto Público;
- berço para embarque de minério e dois berços para graneis associados ao Porto Público;
- berço para embarque do minério da BAMIN;
- dragagem associada ao canal de acesso e ao lado norte do quebra-mar;
- corredor central de serviços;
- estacionamento de caminhões;
- aduana;
- estações de tratamento de água e efluentes líquidos e central de resíduos;
- pedreira;
- píer provisório;
- canteiros de obras; e
- estruturaretroportuária e *offshore* do terminal da BAMIN.

A **Figura 1.2** mostra em verde a área objeto da Licença de Implantação.



**Figura 1.2 - Empreendimento Objeto de Licença de Implantação**

Estas estruturas estão detalhadas no Volume 1 deste documento, que apresenta o projeto ora em Licenciamento de Implantação.

Todas as demais estruturas, associadas à operação das cargas a serem movimentadas pelo Porto Público, consideradas no processo das Licença Prévia, deverão ser objeto de licenciamento específico.

## 1.2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA

O Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT) da Área Diretamente Afetada (ADA) foi elaborado para instalação da primeira etapa do Porto Sul, situado na localidade Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia, em acordo com a Legislação Ambiental.

O PRAFT visa essencialmente afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem a ADA; resgatar os espécimes da fauna silvestre de deslocamento lento ou debilitadas antecedendo a supressão da vegetação e durante a mesma; reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas protegidas e similares a que foram resgatados; recuperar animais que tenham sua integridade

afetada durante a supressão; conhecimento científico da fauna local e regional; constituição de coleção científica para instituições de pesquisa; formação de um novo corpo técnico especializado em resgates de fauna; e formação de multiplicadores de consciência ambiental através de trabalhos.

A metodologia e estratégias de campo elaboradas neste Programa foram baseadas nos dados obtidos durante as atividades de levantamento e diagnóstico da fauna vertebrada na ADA, AID e All pelo empreendimento, que estão incluídos no EIA do Porto Sul.

O presente Programa se dará em duas etapas:

- Resgate antecedendo a supressão da vegetação (Pré-supressão) – nesta etapa a ADA será dividida em parcelas com a média de 10.000m<sup>2</sup>, de acordo com o plano de supressão e a melhor direção de afugentamento da fauna. Dentro das parcelas serão instalados grids de armadilhas Pitfall traps e PVA para captura, principalmente, de animais de deslocamento lento.
- Resgate durante a supressão de vegetação – nesta etapa haverá o acompanhamento da supressão arbórea realizada por tratores de esteira, retro-escavadeiras e motoserras, para salvamento da fauna que ainda não tenha sido resgatada durante a primeira etapa. Nesta etapa predomina os animais fossoriais ou semi-fossoriais, como algumas serpentes, lagartos, amphisbenias e cecílias e também animais que vivem no dossel e dentro de bromélias que ainda não tenham sido resgatadas, como anfíbios, lagartos e até pequenos roedores.

Concomitante com essas duas etapas haverá o afugentamento da fauna de médio a grande porte e que possuem deslocamento rápido (répteis de grande porte, mamíferos de médio a grande porte, aves e quirópteros), que procurará ambientes próximos menos perturbados. Ao mesmo tempo, também, haverá o acompanhamento constante do resgate de flora, pois muitas espécies vivem no interior de bromélias e outras plantas.

Após captura, todos os espécimes passaram por uma avaliação médica para avaliar seu estado de saúde e por uma triagem, onde serão pesados, mensurados, identificados, marcados e caso não necessitem de nenhum tratamento médico-veterinário serão encaminhados para soltura imediatamente. Os espécimes que não estiverem aptos a soltura imediatamente passaram por devido tratamento no CETRAS e somente serão soltos quando estiverem aptos a vida livre. O manejo e marcação foram elaborados de acordo com a morfologia e biologia de cada grupo taxonômico.

A soltura dos animais capturados durante os trabalhos de resgate será realizada na área de Reserva Legal do empreendimento Porto Sul, a Ponta do Tulha. A Ponta do Tulha, também faz parte do Corredor Central da Mata Atlântica e da APA Lagoa Encantada e Rio Almada. Sua vegetação e fauna são bastante semelhantes às de Aritaguá, porém se encontram em melhor estado de conservação.

Durante a execução do PRAFT, será avaliado se as áreas de soltura poderão sofrer desequilíbrio das populações devido ao superpovoamento das diferentes espécies. Estabelecemos que no máximo 30% dos indivíduos de cada espécie podem ser destinados à coleções zoológicas de Instituições de Pesquisa previamente autorizadas pelo IBAMA. Nesses 30% estão incluídos aqueles animais que virão a óbito naturalmente ou acidentalmente durante a execução do PRAFT.

As espécies que se encontram no Livro Vermelho das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção do Ministério do Meio Ambiente (2008), somente serão destinados à coleções zoológicas caso o indivíduo venha a óbito de maneira natural ou acidental. Indivíduos com esse status receberão atenção especial da equipe de resgate priorizando a integridade dos mesmos.

Durante a execução do PRAFT contaremos com um CETRAS (Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres) e um alojamento para a equipe técnica. O *lay-out* da edificação terá com finalidade oferecer a estrutura necessária para a execução do Programa.

A equipe técnica contará com profissionais com nível superior experientes na função que irão exercer (nível 1) e legalmente responsáveis pelas suas obrigações. Esta equipe será formada por nove profissionais, sendo estes dois coordenadores, seis biólogos com qualificação específica para cada grupo de fauna (abelhas, anfíbios, répteis, aves, primatas e outros mamíferos) e um veterinário. A equipe também contará com, pelo menos, doze técnicos (biólogos e/ou veterinários) com menos experiência (nível 2) e, pelo menos, oito estagiários de ensino superior (do curso de medicina veterinária e ciências biológicas) (nível 3). O programa ainda contará com o apoio de pelo menos 40 auxiliares de campo, para fornecer suporte na instalação das armadilhas e outros procedimentos de resgate que serão selecionados nas comunidades do entorno do empreendimento.

Toda a equipe passará por treinamento com informações sobre o empreendimento, metodologia, manejo de animais e palestras de educação ambiental.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

O Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre do Porto Sul atende um dos condicionantes legais de licenciamento para a implantação do empreendimento, onde ocorrerá supressão de vegetação, e consequente impacto direto para a fauna e flora local e está de acordo com a Instrução Normativa N° 146/2007 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

O resgate e afugentamento da fauna terrestre é considerado uma importante ferramenta mitigadora dos impactos provocados à fauna silvestre decorrentes da supressão de qualquer vegetação nativa de áreas onde se programe uma alteração de origem antrópica, como a instalação do Porto Sul.

A importância da execução deste plano de resgate pode ser mensurada de diversas formas, tais como:

- Afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem, e resgatar os espécimes da fauna silvestre antecedendo e durante a supressão da vegetação, evitando, assim, a mortandade de espécimes da fauna;
- Reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas protegidas e similares as que foram resgatados favorecendo, assim, a conservação da fauna local e regional;
- Minimizar os impactos causados a fauna da ADA do Porto Sul.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo principal deste programa é apresentar ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), as estratégias que serão adotadas nas atividades de resgate e afugentamento da fauna terrestre antes e durante a supressão da vegetação da ADA do empreendimento Porto Sul, localizado em Aritaguá, município de Ilhéus.

### 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Solicitar ao IBAMA a licença de resgate da fauna por meio de captura, transporte, manutenção temporária, marcação e soltura das espécies da fauna silvestre, bem como coleta de endo e ectoparasitas dos espécimes;
- Afugentar os animais que não são passíveis de captura, ou seja, aqueles que possuem deslocamento rápido, como répteis de médio porte, mamíferos de médio porte, mamíferos voadores e aves;
- Resgatar todos os animais silvestres passíveis de captura encontrados nas áreas de supressão da vegetação, preservando a integridade dos mesmos, e reintegrá-los em áreas pré-definidas;
- Avaliar a saúde e integridade de cada espécime, para que estes sejam reintroduzidos ao ambiente similar ao que foi capturado;
- Identificar e proteger ninhos de aves ativos, ou seja, que possuam ovos ou ninhegos, e proteger o local até que os filhotes estejam independentes;
- Identificar ninhos inativos de aves e inutilizá-los, para que estes não sejam ocupados e utilizados durante o processo de supressão da vegetação;
- Realizar no prazo de 24 horas a reintrodução dos espécimes resgatados com condições de soltura, observando a similaridade com o ambiente em que foi coletada, o horário de atividade do espécime e a possibilidade de superpovoamento e competição intra e interespecífica;
- Realizar tratamento veterinário, quando necessário, nos espécimes da fauna, no Centro de Triagem e Reabilitação dos Animais Silvestres (CETRAS), resgatados durante a instalação do empreendimento;
- Realizar a quarentena dos animais que necessitem, em recinto previamente isolado e adequado a esta função;
- Destinar os animais que não possam ser libertados a instituições previamente autorizadas pelo IBAMA, para a formação de plantéis reprodutivos em programas integrados de conservação;
- Destinar os espécimes que sofrerem óbito a instituições científicas credenciadas junto ao IBAMA, previamente oficiadas sobre esta possibilidade;
- Identificar cada espécime por gênero, espécie, nome vulgar, sexo, idade estimada, coordenada do setor o qual foi capturado e/ou observado durante os trabalhos;
- Formar recursos humanos através da integração do programa às instituições de pesquisa locais ou conveniadas;
- Capacitar a equipe (profissionais nível dois, estagiários e auxiliares) que carece de experiência na tarefa de resgate e afugentamento de fauna, bem como outros assuntos de educação ambiental e sanitária;

- Implementar o Procedimento de Trabalho Seguro aos procedimentos tarefa de resgate e afugentamento;
- Produzir mensalmente um relatório circunstanciado das atividades e resultados e um relatório final ao término do PRAFT.

### 3. METODOLOGIA

O Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do empreendimento Porto Sul se dará em duas etapas: Resgate Pré-supressão e Resgate durante a Supressão. Juntamente com as duas etapas será realizado o afugentamento da fauna (a lista de todo material que será utilizado no PRAFT está no **Anexo 2**). O **Quadro 3.1** a seguir apresenta as metas do PRAFT.

**Quadro 3.1 - Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul**

Objetivos	Indicadores	Meta
Construção do CETRAS de acordo com a descrição feita no PRAFT	Número de não-conformidades/Total de critérios avaliados x 100	0%
Afugentar animais que não são passíveis de captura, ou que a mesma seja desnecessária	Animais afugentados/Total de animais (a)	100%
Resgatar todos os animais silvestres passíveis de captura encontrados na ADA	Animais resgatados/Total de animais	100%
Preservar a integridade de todos os animais silvestres residentes na ADA, sejam eles afugentados ou resgatados	Animais em contato/Total de animais	100%
Avaliar a saúde de todos os animais capturados para que sejam reintroduzidos ao ambiente similar ao qual foi capturado	Animais avaliados/Total de animais	60%
Identificar e proteger ninhos de aves ativos até a desocupação completa dos mesmos	Ninhos ativos/Total de ninhos	45%
Identificar e inutilizar ninhos de aves inativos para evitar nova ocupação	Ninhos inativos/Total de ninhos	55%
Realizar no prazo de 24 horas a reintrodução dos espécimes resgatados que estejam aptos, observando sua biologia e horário de maior atividade	Reintroduções realizadas até 24h/Total de reintroduções	100%
Destinar espécimes em óbito para instituições científicas previamente credenciadas junto ao IBAMA	Espécimes que vieram a óbito/Total destinado	10%
Realizar tratamento veterinário em animais que necessitem no CETRAS	Espécimes que necessitam de tratamento/Total capturado	56%
Realizar quarentena dos animais que necessitem, em recinto previamente isolado e adequado até que os mesmos estejam aptos a vida livre	Animais em quarentena/Total capturado x 100	20%

Objetivos	Indicadores	Meta
Destinar os espécimes que não possam ser libertados a instituições previamente autorizadas pelo IBAMA, para a formação de planteéis reprodutivos em programas integrados de conservação	Espécimes que não podem ser reintroduzidos/Total destinado	5%
Identificar cada espécime por gênero, espécie, nome vulgar, sexo, idade estimada, coordenada do setor	Espécimes identificados/Total de espécimes	100%
Marcar todos os espécimes capturados destinados a soltura para posterior monitoramento, respeitando sua saúde	Espécimes marcados/Espécimes soltos x 100	100%
Formar recursos humanos através da integração do programa às instituições de pesquisa locais ou conveniadas	Recurso humano capacitado; número de certificados emitidos	45%
Implementar o procedimento de Trabalho Seguro aos procedimentos metodológicos do PRAFT	Número de acidentes durante a execução dos trabalhos	ZERO
Promover a integração da equipe do PRAFT com a equipe executora do plano de supressão a fim de se obter maior sucesso no salvamento dos animais	Número de ocorrências mensais/Total de ocorrências x 100	menos de 30% de ocorrências
Produzir mensalmente um relatório circunstanciado das atividades e resultados e um relatório final ao término do PRAFT	Nº de relatórios produzidos/meses de atividade	Entrega do relatório
<b>Legenda:</b> (a) Total de animais = Animais (Relocados) + Animais (Criadouro) + Animais (Coleção) + Animais (Descarte).		

O acompanhamento das metas deverá ser apresentado a cada relatório. Metas não alcançadas devem ter medidas adotadas para a melhoria do processo, e estas medidas devem ser relatadas ao Instituto.

### 3.1. RESGATE PRÉ-SUPRESSÃO

Esta etapa do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Silvestre é imprescindível e de maior importância para as espécies de animais que habitam a área na qual sua vegetação natural será suprimida para ser substituído por um empreendimento de grande porte como o Porto Sul.

O trabalho de resgate antecipando a supressão da vegetação arbórea tem o principal objetivo de iniciar o afugentamento gradual de espécies animais para áreas contíguas ainda não atingidas e fragmentos florestais localizados ao redor da área a ser desmatada, decorrente das ações que resultam pouco estresse às espécies, como a retirada seqüenciada da vegetação herbácea e arbustiva por meio de roçadeiras a combustão e motosserras, concomitante haverá a instalação das armadilhas e a Procura Visual Ativa (PVA) por espécies de pequeno porte e ninhos de aves.

De forma contrária, as motosserras e as grandes máquinas de supressão de vegetação arbórea e arbustiva promoveriam alto nível de estresse às espécies da fauna, acidentes muitas vezes fatais e maiores riscos aos técnicos do resgate.



Esta imprescindível e importante etapa consiste, basicamente, em concentrar todos os esforços para capturar e realocar o máximo de espécimes da fauna silvestre que não possuam deslocamento rápido e baixa vagilidade (anfíbios, répteis e pequenos mamíferos) ou aqueles espécimes que estiverem em situação de risco, da área de supressão para área de soltura, bem como, identificar o máximo de ninhos ativos de aves, tempo suficiente para preservar o nascimento e crescimento dos filhotes até ter capacidade de vôo. Como consequência positiva, as ações irão iniciar o processo de afugentamento das espécies mais sensíveis.

Na execução do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu, o pré-resgate foi responsável pela captura de 76,5% dos espécimes da fauna, e 83% dos anfíbios (Dados obtidos em: Relatório Final do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada Paraguaçu, 2012). Esses números mostram a importância dessa etapa e a obrigatoriedade em se cumprir o tempo que ela necessita.

A ação do resgate deve se iniciar 60 dias antes do início da supressão, tempo mínimo para ocorrer a captura das espécies mais vulneráveis aos acidentes geralmente fatais. Com exceção da área para a instalação do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres e do Centro de Resgate de Flora, imprescindíveis para o início dos trabalhos ambientais.

O trabalho de resgate antecedendo a supressão se dará em etapas, ou seja, a área do empreendimento será dividida em fases, de acordo com o Plano de Supressão (**Quadro 3.2**) e por sua vez subdividido em lotes com aproximadamente 10.000m<sup>2</sup> cada, a depender da topografia do terreno.

Em cada lote, o resgate da fauna ocorrerá de forma prévia mínima de 60 dias ao momento de supressão. Esse espaço de tempo tem extrema importância, pois os animais estarão em menor estado de estresse, visto que, a supressão da vegetação não foi iniciada, evitando que se acidentem colocando sua vida em risco frente às máquinas de supressão.

**Quadro 3.2 - Quadro representativo do plano de supressão**

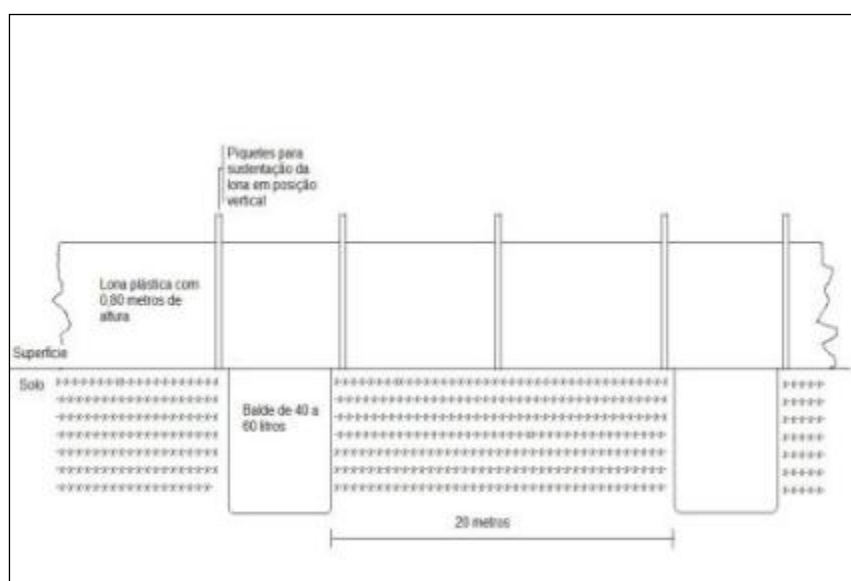
SUPRESSÃO VEGETAL		
LOCAL - TUP BAMIN	CRONOGRAMA (mês / LI = 0)	QUANTIDADE (m <sup>2</sup> )
Vias acessos internos e Urbanização	1 ~ 3	210.000
Desvio da BA-001	1	49.800
Ramal, Pera e Pátio Ferroviário	7 ~ 22	878.900
Pátio de Estocagem	8 ~ 15	370.600
Instalações de Apoio Administrativo	5 ~ 9	75.300
Pedreira Aninga da Carobeira	2 ~ 6	800.000
		<b>2.384.600</b>

A seguir está a apresentação das metodologias que serão empregadas durante a etapa de resgate da fauna anterior a supressão.

### 3.1.1. Armadilhas de Intercepção e Queda (Pitfall traps)

A captura dos animais através das armadilhas de intercepção e queda (*pitfall traps with drift netting* - CECHIN e MARTINS, 2000<sup>1</sup>; GREENBERG *et. al.* 1994)<sup>2</sup> é o meio onde se obtêm bons resultados, capturando, com segurança e pouco *stress*, espécies de pequenos mamíferos, répteis, anfíbios e invertebrados.

A armadilha Pitfalltrap consiste em interceptar o espécime em seu deslocamento natural através de uma barreira plástica em posição vertical de altura igual a 80 centímetros e direcioná-lo a queda, de pequena altura (80 centímetros) em baldes de 65 litros enterrados com a borda superior rente ao solo, intercalados a cada 20 metros, aproximadamente (**Figura 3.1**).



**Figura 3.1 -Modelo representativo da armadilha Pitfall trap**

Os *grids* de armadilha Pitfall trap poderão ser em três arranjos diferentes a depender da umidade do solo, inclinação do terreno e se há ou não presença de corpo d'água, sendo estes arranjos: em linha reta; em formato de Y; ou em forma circular ao redor dos corpos d'água (**Figura 3.2**).

<sup>1</sup>CECHIN, S. Z. & MARTINS, M., 2000. Eficiência de armadilhas de queda (Pitfall traps) em amostragens de anfíbios e répteis no Brasil. *Revta bras Zool*, 17(3): 729-740.

<sup>2</sup>GREENBERG, C. H., NEARY, D. G. & HARRIS, L. D. 1994. A comparison of herpetofaunal sampling effectiveness of pitfall, single-ended and double-ended funnel traps used with drift fences. *J Herpetol*. 28(3): 319-324.

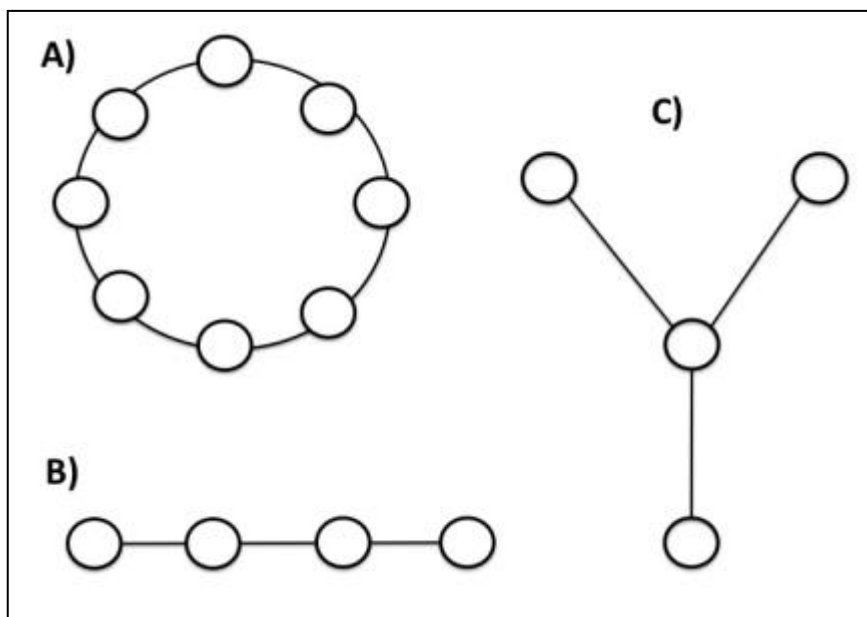
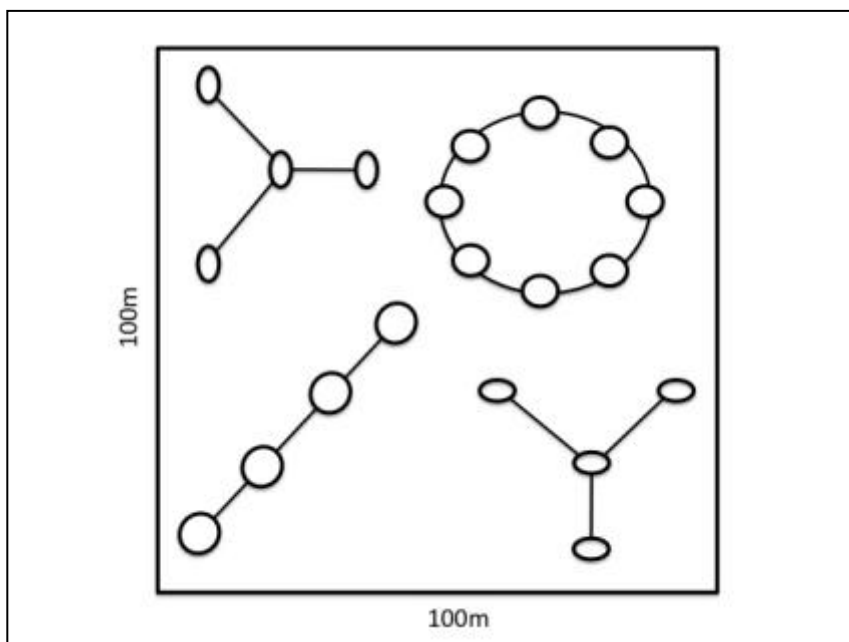


Figura 3.2 -Modelos de arranjos de grids de armadilhas Pitfall trap: A) arranjo circular utilizado ao redor de corpos d'água; B) arranjo em linha reta; e C) arranjo em formato de Y

A poligonal de supressão será dividida em parcelas de 10.000m<sup>2</sup>, e a ordem prioridade das parcelas obedecerão o sentido de afugentamento dos animais para áreas adjacentes ao empreendimento e o plano de supressão. No interior de cada parcela serão instalados no mínimo quatro (4) grids de armadilha Pitfall trap, independente do formato escolhido para a área da parcela. Dentro de cada parcela também será empregado o método PVA (explicado no item seguinte), ao mesmo tempo em que ocorre a retirada do sub-bosque e entulhos (troncos ociosos, paus, pedras) serão vistoriados e relocados para constituir abrigos centrais que serão observados frequentemente (**Figura 3.3**). O solo será vistoriado mediante a limpeza da serapilheira e toda vegetação herbácea proveniente do sub-bosque será colocado sobre girau, separando-as do solo e permitindo que a PVA se torne mais eficiente (**Figura 3.4** e **Figura 3.5**).



**Figura 3.3 -Exemplo de parcela de 10.000m<sup>2</sup> com os grids e armadilhas Pitfall trap que serão utilizadas durante a execução do PRAFT**



**Figura 3.4 -Representação dos lotes constituídos de girau organizados entre os grids de Pitfall trap**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012



**Figura 3.5 -Modelo de girau, onde será colocado a serapilheira e a vegetação herbácea após a PVA**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

A vistoria de todas as armadilhas será diária, das 08:00 as 11:00 e das 14:00 as 17:00 em dias que houver a PVA noturna os Pitfall também serão vistoriados. Para evitar que os espécimes sofram desidratação, serão adicionados em cada balde pedaços de esponjas, umedecidas a cada visita, sob uma placa de isopor evitando a rápida evaporação. Estas mesmas placas de isopor, devido a sua propriedade de flutuação possuirá também, aliadas a furos para drenagem no fundo da armadilha, a função de evitar que os animais morram afogados em dias de chuva. Em dias que não houver atividades de pré-supressão, como fins de semana, todas as armadilhas serão tampadas e assim desativadas, sendo reativadas na segunda-feira.

Os grids de armadilhas *Pitfall trap* serão desarmadas quando a curva coletora de espécimes estiver no seu terceiro dia decrescente, os respectivos buracos deixados pelos baldes enterrados serão tapados com terra novamente.

### 3.1.2. Armadilhas Live trap (modelos Sherman e Tomahawk)

As armadilhas *Live traps* são utilizadas para captura de mamíferos atraído por iscas atrativas compostas de pasta de amendoim, frutas, carne de peixe ou galinha. Estas serão utilizadas neste resgate, apenas para captura de mamíferos de pequeno porte como roedores e marsupiais, que não possuem deslocamento rápido sendo necessária a intervenção de captura.

Em cada lote de supressão serão distribuídas aleatoriamente 100 armadilhas *Live Traps* de metal, sendo 50 do modelo Sherman e 50 *Tomahawk* instaladas próximas aos troncos das árvores ou sobre eles com objetivo de atrair os pequenos mamíferos arborícolas. As armadilhas *Live Traps* serão armadas com a utilização de iscas atrativas compostas de pasta de amendoim, frutas. As *Live Traps* ficaram instaladas por período integral e a vistoria será diária, das 08:00 as 11:00 e das 14:00 as 17:00 em dias que houver a PVA noturna os Pitfalls também serão vistoriados.

### 3.1.3. Procura Visual Ativa (PVA)

O método de Procura Visual Ativa (PVA) proposto por VITT e ZANI (1996), consiste em vistoriar ocos de pau, serapilheira, abrigos sobre pedras, troncos caídos, árvores e seus ocos, ninhos, poças temporárias e permanentes assim como outros microhabitats em que possam ser encontradas espécies animais (**Figura 3.6**).



**Figura 3.6 -Equipe de técnicos do Programa de Resgate executando a PVA noturna**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As equipes de PVA serão divididas por turno (dia, tarde e noite) para evitar o desgaste físico pessoal e contemplar todos os horários das espécies que é específico à sua historia natural.

No caso do grupo das aves, a PVA se dará em toda a área de supressão, com prioridade para os primeiros lotes. Ao encontrar ninhos e ocos de árvores que estejam ativos, ou seja, com ovos em incubação ou ninhegos, os mesmos serão registrados, quanto a sua coordenada e altura, identificados e cercados por fita zebreada (amarela e preta ou vermelha e branca) até que os filhotes saiam naturalmente do local. Os ninhos ou ocos inativos serão inutilizados para que estes não sejam mais ocupados.

No caso das abelhas, a PVA se dará de forma semelhante a das aves, em toda a área de supressão, com prioridade para os primeiros lotes. Ao encontrar enxames que estejam ativos, os mesmos serão registrados, quanto a sua coordenada e altura, identificados e cercados por fita zebreada (amarela e preta ou vermelha e branca) até que os sejam removidos para a área de destino.

Os animais de rápido deslocamento, como mamíferos de médio porte, médios lagartos e aves não serão capturados durante a PVA, e sim afugentados em direção a áreas adjacentes e de Reserva Legal.

### 3.2. ACOMPANHAMENTO DO RESGATE DE FLORA

O resgate de flora, terá um acompanhamento de pelo menos um técnico e um auxiliar para a captura das espécies, pois é comum que espécies vegetais, principalmente as bromeliáceas, se caracterizarem microhabitats de invertebrados, anfíbios e répteis, bem como abrigos de roedores e marsupiais.

### 3.3. RESGATE DURANTE A SUPRESSÃO

A supressão da vegetação arbórea deverá ser realizada através de tratores de esteira, retro-escavadeiras causando grande impacto.

Neste momento é esperado que grande parte da fauna que possui deslocamento limitado já esteja sido resgatada e realocada para as áreas de soltura pré-definidas. Os animais que deverão ser mais comumente encontrados são aqueles que possuem hábito fossorial como as amphisbaenias (cobra-de-duas-cabeças), os anfíbios ápodos (minhococoçu) e serpentes semi-fossoriais como as corais.

A supressão dos lotes poderá ocorrer com mais de uma frente, seja qual for a quantidade de frentes, cada uma terá acompanhamento de no mínimo um técnico e um auxiliar de campo, próximo à máquina, porém mantendo distância segura, para capturar os animais que por ventura aparecerem.

### 3.4. AFUGENTAMENTO DA FAUNA

O afugentamento é o método mais eficiente para as espécies da fauna silvestre que habitam a ADA do Porto Sul, pois evita a situação de maior estresse durante o resgate no qual decorre da captura, contenção e acondicionamento.

Porém, pela própria história biológica de uma parte dos animais este método apenas se aplica para as espécies que possuam deslocamento rápido e que se sintam incomodadas pela alteração gradual do ambiente e da presença dos trabalhadores. Estes geralmente são os répteis de médio porte, aves e mamíferos de médio porte e mamíferos voadores.

As ações antrópicas de alteração do ambiente serão direcionadas para a área de Reserva Legal do empreendimento, induzindo as espécies a se deslocar para o remanescente contíguo até chegar à área protegida.

Esta indução a fuga é uma forma de se evitar captura direta do animal, evitando-se, conseqüentemente, o estresse causado pela captura.

A fuga dos animais para áreas do entorno (AID e AII) podem levar a potenciais acidentes com fauna para a população local e trabalhadores na instalação, ou talvez apenas o encontro com o espécime. Dessa maneira, será ministrada palestra com informações sobre a potencial intensificação da circulação da fauna nativa em virtude das atividades de supressão, e previsão de captura e reintrodução de determinadas espécies. A palestra também deverá conter informações

sobre como proceder caso haja algum encontro com a fauna nativa e sobre conservação da fauna.

### 3.5. PROCEDIMENTOS DE MANEJO

A contenção física de animais silvestres baseia-se em anular seus movimentos defensivos, permitindo o acesso seguro a seu corpo para realização dos procedimentos necessários, atentando-se à evolução comportamental e à maneira como este suporta ou responde às situações de estresse.

A contenção física, sempre que possível, deve ser realizada com auxílio de equipamentos evitando o contato das mãos nuas, prevenindo a ocorrência de acidentes que causem lesões tanto ao animal, quanto ao técnico.

Todas as situações devem ser seguras e requer o conhecimento da biologia da espécie. O técnico experiente possui essas virtudes e transmitirá aos outros da equipe durante treinamentos de capacitação e supervisões das tarefas.

Uma tenda com cadeira e mesa de apoio aos procedimentos técnicos será montada no local da área do resgate (entre as linhas de Pitfall trap) (**Figura 3.7**), preferencialmente sob sombras das árvores, a fim de evitar o calor excessivo e/ou a ação da chuva, para que os animais capturados durante aquele turno sejam armazenados e posteriormente encaminhados para o Centro de Triagem e Reabilitação da Fauna Silvestre (CETRAS). Neste local será evitado a permanência ou o trânsito desnecessário de pessoas não autorizadas no manejo dos animais, a fim de evitar estresse adicional e possíveis acidentes.



**Figura 3.7 -Tenda de apoio com cadeira e mesa para procedimentos técnicos será montada nos lotes durante a execução do PRAFT**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012



Caso algum espécime capturado apresente ferimento, decorrente ou não do manejo ou da supressão, o Médico Veterinário plantonista poderá realizar algum procedimento simples no próprio local, ou se for mais grave, encaminhar com urgência para o CETRAS.

A seguir serão apresentadas as técnicas específicas para cada grupo zoológico.

### 3.5.1. Invertebrados

Apesar de este grupo contemplar a maior biomassa e diversidade de animais terrestres, serão resgatados apenas os de maior porte, os de importância médica ou que existirem interesse de instituições de pesquisas previamente autorizadas pelo IBAMA e as abelhas nativas e exóticas.

Os invertebrados terrestres, em geral, serão capturados, em sua grande maioria, através de pinças anatômicas (**Figura 3.8**) ou manualmente, protegidos por luva de pano ou couro, que sejam mais confortáveis e menos estressantes para o espécime sem desprezar a segurança do técnico.



**Figura 3.8 -Modelo de pinças anatômicas utilizadas na captura de invertebrados terrestres**

Os espécimes serão armazenados temporariamente em potes plásticos ventilados de 250, 500 ou 1000 mililitros que contenham um pouco de substrato úmido (**Figura 3.9**).



**Figura 3.9 -Modelo de potes plásticos utilizados para acondicionamento temporário de algumas espécies de invertebrados, anfíbios e répteis**  
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As abelhas nativas e exóticas serão resgatadas durante a pré-supressão por meio de buscas sistemáticas por meio da Procura Visual Ativa (PVA) durante o período diurno, de forma a coincidir com o horário de atividade das abelhas e assim permitir a exata localização dos enxames. Após a primeira varredura da área de supressão, o Responsável Técnico de Invertebrados ficará acompanhando as equipes de supressão e atendendo aos eventuais chamados que possam vir a ocorrer, caso algum enxame tenha passado despercebido, principalmente em áreas de difícil acesso, onde não tenha sido possível o resgate por conta da topografia do terreno e das condições da mata.

Depois de localizadas, todas as colméias serão georreferenciadas e, para viabilizar a posterior identificação/localização das colméias, será adotada uma forma padronizada de marcação (Ex: 0001 IT, onde a combinação de números refere-se ao número do registro fotográfico enquanto as letras referem-se as iniciais do nome comum da espécie, no caso em questão de uma abelha Italiana). As marcações adotadas serão também transferidas para os exemplares vegetais com auxílio de tinta vermelha não tóxica assegurando a rápida e fiel identificação de todos os registros e todas as espécies vegetais que abrigarem colméias serão isoladas e sinalizadas com auxílio de fita zebra num raio aproximado de 5 metros. Essa medida visa a proteção adicional das colméias, impedindo que os exemplares vegetais que as abrigam sejam derrubados pelos operadores de máquina e, não menos importante, promover a segurança de todos os operários presentes no canteiro de obra quando se tratar de abelhas italianas (*Apis mellifera*) ou outras colméias consideradas agressivas quando perturbadas.

Os enxames serão resgatados de duas formas:

- **Abelhas Nativas:** translocação do parte do material lenhoso no qual a colméia esta inserida, ou seja, remoção do ninho inteiro. Dessa maneira, o resgate se dará em três etapas, a primeira é o corte do material lenhoso onde a colméia esta inserida, a segunda refere-se vedação dos cortiços utilizando barro natural e a terceira etapa refere-se ao transporte destas

para a área de destino. Os cortiços devem ser vedados após as 18:00 de forma a garanti que todo o enxame esteja dentro da colméia. O transporte das colméias deverá ser realizado em grande parte a pé, somente utilizando veículo em acessos que favoreçam a mínima trepidação, a fim de minimizar o estresse e evitar que a colméia seja danificada de forma irreversível. Uma vez no local de destino as colméias serão posicionadas de forma similar as registradas nos seus respectivos locais de origem a respeito à rosa dos ventos, inclinação e sombreamento.

- Abelha do gênero *Apis*: os procedimentos de captura envolveram a etapa de corte dos exemplares vegetais lenhosos para exposição das colméias e transferência destas para caixas abrigo (**Figura 3.10**). Essas translocações obedecerão duas etapas: transferência dos favos de cria para caixas abrigo e o transporte definitivo para o ponto de destino. O momento crítico do trabalho de translocação reside na primeira etapa quando a equipe envolvida realiza a transferência da colméia (favo de cria, rainha, favo de mel) para as caixas abrigo e o correto cumprimento desta etapa é fundamental para o sucesso de toda operação.

As abelhas exóticas serão destinadas á apiários registrados próximo à poligonal do empreendimento. As abelhas nativas que passarem por esse procedimento passarão por período de adaptação e somente depois será realizada a transferência da caixa abrigo para área propícia de acordo com a característica de cada espécie.



**Figura 3.10 -Deslocamento de enxame de abelha italiana e modelo de caixa abrigo utilizadas para remoção de enxames de abelhas**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Todas as colméias nativas depois da destinação, serão monitoradas duas vezes por mês a fim de se avaliar o sucesso da translocação dos enxames.

Alguns indivíduos de cada colmeia serão capturados e fixados em via úmida de formol a 10% para posterior identificação das espécies as quais as colmeias pertencem.

### 3.5.2. Anfíbios

Os animais deste grupo serão capturados de mão protegida por luvas, com o auxílio de puçás, potes plásticos ventilados de 250, 500 ou 1000 mililitros ou sacos plásticos transparentes de 5 litros. Serão armazenados temporariamente nos próprios sacos ou potes plásticos em que forem capturados, adicionando substrato úmido. Os sacos plásticos terão o ar renovado a cada 4 horas. Anfíbios de grande porte serão acondicionados em terrários modelo Sanremo com a tampa telada para favorecer a ventilação, constituídos de plástico transparente de tamanhos variados, de acordo com o porte do animal que se deseja alojar, indo desde 20cm até 60cm de comprimento, com larguras e alturas variadas (**Figura 3.11**). Estes compartimentos possuem travas de segurança que não permitem a fuga dos mesmos. No seu interior é colocado papel como substrato de limpeza, vasilha com água e abrigo quando for necessário. Este abrigo pode ser confeccionado com caixas ou tubos de papelão.



**Figura 3.11 -Modelos de caixas tipo sanremo para acondicionamento de anfíbios de grande porte e répteis de médio porte**

Os anfíbios, dentre os grupos que serão resgatados, se destacam dos demais com relação ao grande número de indivíduos capturados, tanto pelo método de Procura Visual Ativa (PVA) quanto pelo uso das armadilhas Pitfall traps.

Todos os anfíbios capturados serão avaliados clinicamente, identificados, sexados, pesados, mensurados, marcados, avaliado o estágio de desenvolvimento (larval, recém-metamorfoseado, jovem, adulto), avaliando o estágio reprodutivo, quando possível (óvulos maduros podem ser vistos facilmente em algumas fêmeas em período reprodutivo), e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas), pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

### 3.5.3. Répteis

Os répteis possuem formas distintas nas diferentes ordens, devido a isso, apresentaremos esse item pelo táxon de ordem ou classe.

A ordem dos quelônios (cágados e jabutis) é facilmente contida pela carapaça, porém deve-se manter uma distância segura da sua mandíbula, evitando mordidas eventuais. Serão acondicionados em caixas plásticas sanremo ou de madeira que compoitem seu tamanho.

Para contenção de serpentes peçonhentas, utiliza-se o pinção herpetológico (**Figura 3.12**) ou o gancho herpetológico (**Figura 3.13**). Estas serão acondicionadas em caixas de madeira modelo Butantãe amarradas com uma fita vermelha indicando que a caixa está ocupada por uma espécie perigosa. As caixas modelo Butantã utilizadas para armazenamento temporário dos répteis a serem possivelmente capturados durante o resgate, serão confeccionadas em madeira do tipo “MDF” de um centímetro de espessura (**Figura 3.14**). A caixa possui 12,5 cm de altura por 60 cm de comprimento e 50 cm de largura (12,5X60X50 cm), dotada de uma divisória central que divide a estrutura em dois compartimentos. Cada compartimento possui respectivamente uma tampa de 24,5 x 19,5 cm na face superior da caixa com duas dobradiças de metal e uma trava de segurança. Toda a parte lateral da caixa está munida de furos de no máximo 0,5 cm de diâmetro, que facilita a ventilação dos compartimentos. A parte interna deste material apresenta a superfície limpa e livre de qualquer material químico (tintas ou verniz), ou físico potencialmente cortante, que venha ser prejudicial à saúde dos indivíduos. É importante que as caixas de armazenamento dos répteis sejam escuras para evitar o estresse psicológico causado por movimentos externos, além do mais o escuro da caixa causa sensação de tranquilidade e principalmente segurança ao animal.



Figura 3.12 -Modelo de pinção herpetológico para contenção de serpentes



**Figura 3.13 -Modelo de gancho herpetológico para contenção de serpentes**



**Figura 3.14 -Modelo de caixas tipo Butantã para acondicionamento de serpentes peçonhentas**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As espécies de serpentes não peçonhentas poderão ser contidas também pela pinça ou gancho herpetológico, e manualmente, utilizando-se luva de pano ou couro, a depender da espécie a ser capturada. Serão acondicionadas, individualmente, em sacos de pano, caixas plásticas sanremotamanho pequeno, médio e grande ou ainda em potes plásticos 500 ou 1000 mililitros, dependendo do tamanho e peso de cada indivíduo.

Os lagartos devem ser contidos manualmente usando luvas de pano ou couro e acondicionados em potes plásticos com substrato úmido ou em sacos de pano.

Os jacarés serão capturados como auxílio do laço com cambão (**Figura 3.15**), onde os jacarés terão a boca amarrada com ligas de borracha e fita adesiva prata (Silver tape), os olhos fechados com fita adesiva, e os membros dianteiros e traseiros amarrados de forma a não provocar edemas. Essas capturas deverão ocorrer entre 19h00min e 23h00min, horário de maior atividade desses animais e após todos os procedimentos de triagem e avaliação clínica deverão ser soltos no mesmo dia na área de destino.



Figura 3.15 - Modelos de laço com cambão utilizado na captura de jacarés

Caso se encontre desovas de répteis, as mesmas serão removidas com cuidado, de maneira a não modificar a posição original dos ovos, transportadas até o CETRAS e mantidas em incubadoras com temperaturas adequadas até a eclosão dos filhotes. Após passarem pela triagem, esses filhotes estarão aptos à soltura.

Todos os répteis capturados serão avaliados clinicamente, identificados, sexados, marcados, pesados, mensurados, avaliado o estágio de desenvolvimento (jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível (ovos podem ser vistos no ventre de algumas fêmeas com facilidade) e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

#### 3.5.4. Aves

Indivíduos deste grupo, por possuírem a capacidade de se deslocar através do vôo, não deveram ser capturados. Porém, se o espécime encontrado apresentar sinais de que seu estado esteja debilitado, este será capturado por meio de puçá ornitológico (**Figura 3.16**), manuseado utilizando-se luva de pano ou couro. As espécies pequenas serão acondicionadas em sacos de pano e em caixas de madeira ventilada escura, para diminuir o stress já desencadeado pela

captura. Caso o animal necessite permanecer no CETRAS por um período maior do que 24 horas, este será acondicionado em gaiola de tamanho proporcional ao seu porte (**Figura 3.17**) ou nos viveiros externos (descritos mais adiante).



Figura 3.16 -Modelos de puçá ornitológico utilizado na captura de aves



Figura 3.17 -Modelos de gaiolas para acondicionamento de aves de pequeno e médio porte



Os ninhos inativos, ou seja, que não possuem ovos ou ninhegos abandonados ou em construção, serão coletados como material científico e tombados em um Museu de Zoologia previamente autorizado pelo IBAMA. Essa manobra tem o objetivo de evitar uma nova postura.

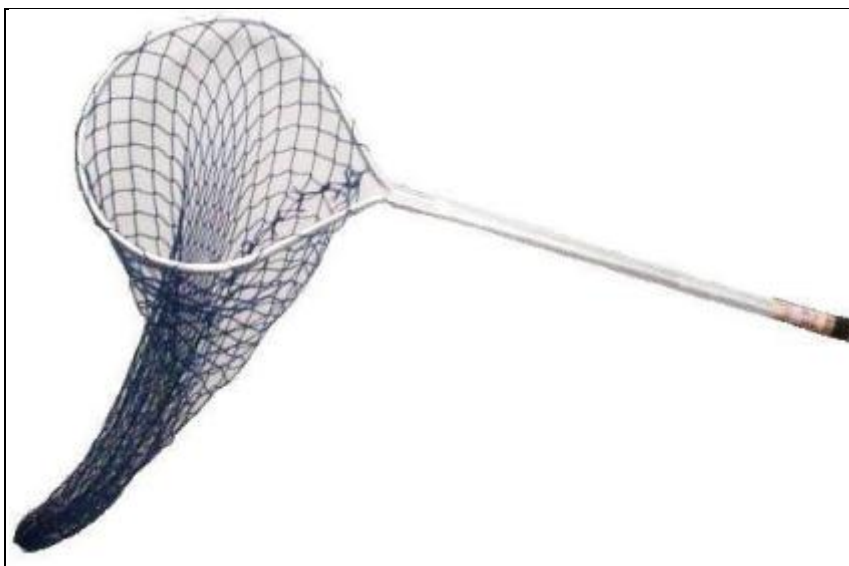
Os ninhos ativos, com ovos ou ninhegos serão identificados e isolados em um raio de 15 metros de distância até que os filhotes tenham desocupado os ninhos por completo. Todo ninho que for manejado deverá seguir as recomendações específicas de cada espécie, evitando ao máximo danos aos ovos ou à ninhegos, além da rejeição por parte dos “pais”. Os ninhos ativos serão monitorados duas vezes por semana até que se tornem inativos, quando serão coletados para evitar nova postura.

Em caso de ninhegos abandonados, os mesmos devem seguir devidamente acondicionados para o CETRAS para receberem alimentação adequada mais próxima do que é encontrado em seu habitat natural (frutas, sementes, insetos, etc.) ou com papa industrializada de acordo com sua dieta alimentar e, quando estiverem aptos ao vôo livre e a se alimentarem sozinhos, estarão aptos à soltura.

Todas as aves capturadas serão avaliadas clinicamente, identificados, sexadas (quando possível), marcadas, pesadas, mensuradas, avaliado o estágio de desenvolvimento (ninhego, jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível (placa de incubação em algumas fêmeas e mudas de penas e colorido em algum machos de determinadas espécies) e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

### 3.5.5. Mamíferos

Os mamíferos de médio e grande porte não devem ser capturados e sim afugentados em direção as áreas adjacentes à poligonal do empreendimento, porém, caso algum espécime apresente desorientação ou sinais de debilidade, este será capturado através de puçá mastozoológico (**Figura 3.18**). Seu acondicionamento será em caixa de madeira escura ventilada para diminuir o estresse desencadeado na captura e com substrato vegetal seco que proporcione maciez a caixa (**Figura 3.19** e **Figura 3.20**). Caso necessária quarentena, estes animais deverão ser mantidos nos viveiros externos com o mínimo de visitação possível para minimizar o estresse.



**Figura 3.18 -Modelo de puçá mastozoológico para captura de mamíferos de médio e grande porte**



**Figura 3.19 -Modelos de caixas de madeira para acondicionamento temporário e transporte de alguns mamíferos de médio a grande porte**

Fonte: Foto retirada de: <http://bonitopantanal.wordpress.com/2010/03/01/cras-realiza-soltura-de-animais-silvestres-em-jardim/>



**Figura 3.20 -Exemplar de Euphractus sexcinctus sendo liberado e modelo da caixa de transporte para mamíferos de médio a grande porte**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As caixas de transporte para mamíferos de médio porte são de modelo tradicional para o transporte de animais domésticos (por exemplo, cães e gatos) ou silvestres (**Figura 3.21**). Estas caixas são fabricadas de material plástico resistente, com 28 cm de largura, 36 cm de altura, 39 de comprimento (28X36X39cm), e possuem em uma das laterais uma portinhola de grade (de aço) e uma trava de segurança. As caixas de madeira, semelhantes a essas, utilizadas no acondicionamento temporário poderão ser utilizadas no transporte de mamíferos de médio a grande porte.



**Figura 3.21 -Modelos de caixas de transporte para mamíferos de médio porte**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) que forem capturados pelas armadilhas *Pitfalltraps* e *live traps* serão acondicionados em caixas de madeira semelhante a anterior ou em caixas tipo biotério (**Figura 3.22**), de acordo com o tamanho do espécime.



**Figura 3.22 -Modelos de caixas tipo biotério para acondicionamento de mamíferos de pequeno porte**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Em caso de filhotes abandonados, os mesmos deverão seguir para o CETRAS, para avaliação clínica e alimentação até estarem aptos a soltura.

Todos os mamíferos capturados serão avaliadas clinicamente, identificados, sexados (quando possível), marcados, pesados, mensurados, avaliado o estágio de desenvolvimento (filhote, jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo, quando possível, e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

As três espécies de primatas confirmadas para a poligonal do empreendimento pedem uma orientação específica de um primatólogo e do uso de material específico para relocação e afugentamento dos grupos residentes na área. Deve-se considerar que indivíduos de um grupo específico, geralmente, não se integram em outro, e podem competir pelos recursos disponíveis.

Um primatólogo irá acompanhar e monitorar os grupos de primatas que residem na poligonal do empreendimento para traçar estratégias de afugentamento e relocação desses grupos, buscando minimizar o estresse e encontros territoriais entre grupos. Para melhor eficiência e sucesso nesse monitoramento serão utilizados equipamento de radiotelemetria.

### 3.6. MARCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

As espécies da fauna serão marcadas com objetivo de monitoramento futuro nas áreas de soltura. A marcação varia conforme o grupo zoológico.

Todas as espécies de anfíbios e todas as serpentes e lagartos pequenos serão marcadas com a substância inerte denominada de Bioelastômero (**Figura 3.23**), no qual as espécies serão diferenciadas pela combinação de cores apresentadas em seus membros posteriores (no caso dos anfíbios e pequenos lagartos) (**Figura 3.24**) ou logo após a cloaca (no caso das serpentes pequenas) relativa a um número de registro.



Figura 3.23 -Kit de Bioelastômero utilizado na marcação de anfíbios e répteis de pequeno porte



Figura 3.24 -Marcação em anfíbio com bioelastômero em luz ambiente  
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Os quelônios e jabutis serão marcados no casco com escoriação do segmento do casco utilizando-se uma furadeira que será relativo a uma numeração.

A marcação das aves será realizada com anilha numerada e anilha colorida colocadas no tarso com ajuda de um alicate (**Figura 3.25**). As anilhas numeradas serão fornecidas pelo Centro Nacional de Pesquisa para Conservação de Aves Silvestres (ICMBIO/CEMAVE) e a execução do anilhamento por técnico em dia com Sistema Nacional de Anilhamento (SNA).



**Figura 3.25 -Leptotilla rafxilla (Juriti-gemeadeira) marcada com anilhas colorida e numerada CEMAVE**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Os mamíferos de médio e grande porte e os répteis de médio e grande porte (lagartos e serpentes) serão marcados utilizando um microchip com aplicação subcutânea (**Figura 3.26** e **Figura 3.27**). A microchipagem é um método moderno de identificação eletrônica de animais, simples, rápido, eficaz, permanente, inviolável e indolor após a aplicação. A identificação é realizada através de um leitor eletrônico sem que haja a necessidade de manuseio do espécime, minimizando o stress da contenção manual. Todas as serpentes peçonhentas serão marcadas com microchip a fim de se evitar manuseio, evitando, assim, acidentes ofídicos.



Figura 3.26 -Modelo de microchip de aplicação subcutânea utilizado na marcação de répteis de médio a grande porte e de mamíferos de médio a grande porte



Figura 3.27 -Aplicação de microchip em exemplar de *Tamandua tetradactyla*

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

Os mamíferos de pequeno porte, como pequenos roedores e marsupiais, serão marcados com brincos numerados na parte inferior da orelha (Figura 3.28). Os brincos são confeccionados em aço inox, leves e fáceis de colocar.



**Figura 3.28 -Modelo de brinco de inox para marcação de pequenos mamíferos**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

Os mamíferos voadores, quirópteros, serão marcados com anilhas alfa-numéricas em coleiras plásticas (**Figura 3.29**).



**Figura 3.29 -Anilha alfa-numérica usada como marcação sendo colocada em exemplar de *Carollia perspicillata*.**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.



### 3.7. TRANSPORTE

Ao final de cada turno os animais capturados e acondicionados especificamente serão arrumados sobre a carreta (**Figura 3.30**), que será puxada por um quadriciclo 4x4 Honda (**Figura 3.31**) com velocidade máxima permitida de 20 km/h. A carreta deverá ser protegida dos raios solares e ventilada e em seu piso instalada uma espuma de alta densidade para minimizar os impactos da estrada até o CETRAS. Como suporte o Programa também contará com no mínimo três (3) pick-up 4x4 para transporte e logística do PRAFT.



**Figura 3.30 -Modelo de carreta que será utilizada durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão**



**Figura 3.31 -Modelo de quadriciclo 4x4 Honda que será utilizado durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão**

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

O transporte dos espécimes aptos a reintrodução será feito, para as áreas de reservas predefinidas, por meio de um veículo apropriado ao local, seja ele um automóvel traçado (4x4),

carreta puxada por um quadriciclo ou barco, e este, independente de qual veículo for, estará forrado com espumas de densidade alta a fim de evitar trepidação excessiva.

### 3.8. PROCEDIMENTOS MÉDICO-VETERINÁRIO

O caráter de atendimento rápido em resgates de fauna exige prática do profissional médico veterinário, cuja experiência em emergência veterinária é crucial para o bom andamento do trabalho.

Os procedimentos básicos adotados seguem regras de rotina em atendimentos emergenciais com características particulares como, por exemplo: agilidade e conhecimento em solucionar problemas simples ou graves, além da rapidez para encaminhamento e destinação final.

Os seguintes procedimentos são adotados no processo de resgate de fauna:

- Conhecimento prévio da fauna através de estudos anteriores do local para identificar as prováveis espécies a serem encontradas no resgate;
- Visualização do animal em campo e captura;
- Identificação do grupo taxonômico;
- Observação imediata dos aspectos físicos (saúde aparente);
- Acondicionamento temporário ou encaminhamento emergencial;
- Triagem no centro de manejo e procedimentos necessários.

Os procedimentos necessários no centro de triagem e manejo serão adotados de acordo com o grupo zoológico em questão, estado de saúde do espécime, interesse científico e destinação que poderá ser a recuperação do animal para soltura, encaminhamento à zoológicos ou centros de pesquisa, soltura imediata (de acordo com os hábitos do animal, diurno ou noturno), ou ainda encaminhamento para coleções científicas devidamente credenciadas.

Os procedimentos médicos que deverão ocorrer para cada animal irão variar da simples observação do estado geral de saúde do indivíduo até a aplicação de medicamentos, exames e/ou pequenas cirurgias, notadamente de caráter ortopédico-traumático, que tem altos riscos de ocorrer em operações de resgate.

Destina-se aos animais em período de reabilitação e/ou quarentena, detalhando os cuidados específicos necessários como alimentação, tratamento, ambientação e higienização dos recintos, além do detalhamento dos procedimentos de captura e medidas sanitárias profiláticas a serem adotadas:

- Durante as atividades todas as espécies resgatadas serão avaliadas por profissionais com comprovada competência técnica em relação ao manejo e clínica de fauna silvestre;
- A respeito de mamíferos de médio e grande porte, aves adultas independentes e répteis de médio porte, só será efetivado o resgate quando a espécie em questão não apresentar condições e evadir-se da área, correr risco de dano físico, psicológico ou de vida, ou caso o *status* da espécie requiera uma realocação coordenada para as áreas de soltura previstas;
- Toda a equipe de resgate será equipada com os EPI's necessários (ex: luvas, botas, perneiras, etc.) minimizando os riscos de acidentes;
- O manejo será realizado com material de contenção apropriado (ex: gancho para contenção de serpentes, redes, puçás, luvas, etc.);

- Toda a dieta oferecida durante a reabilitação ou manutenção dos animais, será balanceada e seguirá as exigências fisiológicas de cada espécie (padrões da SZB e dos grupos de manejo específicos);
- Todas as caixas de transporte e recintos serão desinfetados quimicamente (GERMEN-KILL e formaldeídos) e fisicamente (troca de substrato e “vassoura de fogo”), seguindo os padrões sanitários internacionais;
- O tratamento clínico será responsabilidade de um médico veterinário com comprovada experiência no assunto, e ocorrerá, ou no centro de recepção de espécimes silvestres, ou no campo, quando se faça necessário;
- No caso de óbitos, a necropsia será realizada e o laudo com a *causa mortis* emitido pelo médico veterinário.

### 3.9. DESTINAÇÃO

#### 3.9.1. Áreas de soltura

Os animais capturados que estiverem em plenas condições físicas, após passarem pelas etapas de triagem, biometria e marcação serão soltos nas áreas predefinidas que apresentarão os mesmos domínios vegetacionais do local que será realizado o resgate. Os espécimes serão soltos no período do dia que corresponde ao seu horário de maior atividade e na mesma fitofisionomia a qual foram capturados.

A escolha de áreas para conservação e refúgio da fauna, está condicionada à conservação da flora local e proteção contra caçadores. A soltura dos animais capturados durante os trabalhos de resgate será realizada na área de Reserva Legal do empreendimento Porto Sul, a Ponta do Tulha.

A Ponta do Tulha também faz parte do Corredor Central da Mata Atlântica e da APA Lagoa Encantada e Rio Almada. Sua vegetação e fauna são bastante semelhantes às de Aritaguá, porém se encontram em melhor estado de conservação.

#### 3.9.2. Coleções zoológicas

Durante a execução do PRAFT, será avaliado se as áreas de soltura poderão sofrer desequilíbrio das populações devido ao superpovoamento das diferentes espécies. Estabelecemos que no máximo 30% dos indivíduos de cada espécie podem ser destinados à coleções zoológicas de Instituições de Pesquisa previamente autorizadas pelo IBAMA. Nesses 30% estão incluídos aqueles animais que virão a óbito naturalmente ou acidentalmente durante a execução do PRAFT. Obrigatoriamente, 70% dos indivíduos de cada espécie (os mais aptos) deverão ser soltos nas áreas de destino. As espécies que se encontram no Livro Vermelho das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção do Ministério do Meio Ambiente (2008), somente serão destinados à coleções zoológicas caso o indivíduo venha a óbito de maneira natural ou acidental. O monitoramento da fauna da área de soltura deverá começar antes do início da execução do PRAFT e permanecer durante as atividades de resgate para que se possa avaliar a estrutura populacional da área e se esta está passando por desequilíbrio de superpopulações. E, após a supressão, o monitoramento é também imprescindível para analisar as flutuações e o comportamento das comunidades animais frente a introdução de muitos espécimes provenientes do PRAFT.

### 3.9.2.1. Procedimentos de morte e fixação

Os animais destinados a coleções zoológicas que não vierem a óbito naturalmente ou acidentalmente serão mortos atendendo os princípios de bem-estar animal e de acordo com a Resolução nº 1000 do Conselho Federal de Medicina Veterinária que dispõe sobre os métodos de eutanásia. Esses procedimentos serão, realizados ou supervisionados pelo Médico Veterinário Responsável Técnico do PRAFT. O método de fixação dos espécimes que serão aproveitados como material científico será baseado de Auricchio & Salomão (2002).

**Anfíbios** - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Cloridrato de Lidocaína (Xilocaína 5%) pelo contato direto com o tegumento do animal. Após a morte, os espécimes serão arrumados em posição taxonômica fixados com formaldeído a 10% (injetada na cloaca em espécimes de médio a grande porte ou somente embebidas no caso de pequeno porte) por 24 horas e depois permanecem em via úmida de álcool etílico a 70%.

**Répteis** - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Rompum 10ml (Xilazina 2%). Após a morte, serão arrumados em posição taxonômica fixados com formoldeído a 10% que é injetada em diversos pontos de toda a cavidade pleuro-peritonial e permanecem embebidos na substância por 24 horas e depois permanecem em via úmida de álcool etílico a 70%.

**Aves** - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Barbitúricos ou outros anestésicos gerais injetáveis ou anestésicos inalatórios seguidos de outro procedimento para assegurar a morte. Após a morte, os espécimes serão taxidermizados em via seca como “pele-cheias”, onde a pele é separada do restante do animal e preenchida com manequim de algodão.

**Mamíferos** – Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Barbitúricos ou outros anestésicos gerais injetáveis ou anestésicos inalatórios seguidos de outro procedimento para assegurar a morte. Após a morte, os espécimes de mamíferos podem ser fixados em via úmida como os répteis ou em via seca como as aves, o que definirá o método escolhido será o tamanho do animal e o interesse da coleção zoológica autorizada.

Todos os espécimes fixados serão etiquetados com número de campo, referente a todas as informações de campo, antes de seguirem para a coleção zoológica autorizada.

## 3.10. CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DOS ANIMAIS SILVESTRES (CETRAS)

O Objetivo principal do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestre é de receber apenas os animais capturados durante o Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Silvestre do empreendimento Porto Sul, triá-los, reabilitá-los, caso seja necessário, e liberá-los para soltura nas áreas predefinidas.

Dentro da área do empreendimento, existe uma localidade com potencial para construir o alojamento dos técnicos e o CETRAS, aproveitando as infraestruturas da sede da fazenda. A fazenda está localizada na Coordenada UTM 491212/8377216 (Fuso 24S), e possui como vantagem, a proximidade de acesso e somente precisará construir os viveiros externos e reformar a estrutura existente.

No geral, o CETRAS deverá conter uma sala técnica para triagem dos animais, uma sala técnica para procedimentos médico-veterinários, sala de recepção dos animais, sala de acondicionamento temporário e recintos externos para animais de médio a grande porte (**Figura 3.32 e Anexo 3**).



**Figura 3.32 -Perspectiva do CETRAS e Alojamento**

Recintos para animais de médio e grande porte serão construídos próximo ao centro de triagem em local sombreado, onde serão acomodados caso necessitem permanecer por algum tempo sob os cuidados médicos.

Serão construídos dois tipos de recintos:

- Recintos Tipo 1 (**Figura 3.33 e Anexo 3**) - Este viveiro inclui 6 recintos e um corredor de manejo. Será construído em alvenaria com frente e forro em armação de madeira e coberto em tela galvanizada com malha de um centímetro; a cobertura será com telhas de cerâmica, que evita o calor, com beiral de um metro de comprimento para evitar ação da chuva, e piso de cimento liso, com pequeno desnível para facilitar a limpeza. Será dividido em seis compartimentos, cada um com dois metros de comprimento por dois metros de largura e dois metros de altura (2 x 2 x 2 m), totalizando doze metros de comprimento por dois metros de largura. Cada compartimento terá uma porta de um metro e sessenta centímetros de altura por cinquenta centímetros de largura (1,60 x 0,50 m), sendo suficiente para o manejo dos animais, todas com fechadura e cadeado. O corredor de manejo é comum aos seis recintos e possui largura de 1,8m com acesso para exterior através de porta dupla de tela de alambrado com fechadura e cadeado;



Figura 3.33 -Perspectiva dos recintos tipo 1

- Recintos Tipo 2 (**Figura 3.34 e Anexo 3**) - Este viveiro inclui 2 recintos com cambiamento e um corredor de manejo totalizando 21,6m<sup>2</sup>(5,2m x 8m). Cada recinto terá 2,8m de largura por 3,66m de comprimento e altura mínima de 2,5m. Corredor de manejo com 5,6m de largura e 2m de comprimento. A área de cambiamento em cada recinto com 1m x 1,8m, adjacente ao corredor de manejo. Porta de acesso ao corredor feita de chapa de ferro e visor gradeado com sistema de tranca e cadeado. Porta tipo guilhotina de chapa de ferro para acesso do animal do recinto ao cambiamento, com sistema de acionamento a distância (acesso pelo corredor de manejo). As laterais dos recintos, cambiamento e corredor de manejo serão feitas em alvenaria. Portas de acesso ao recinto feita de chapa de ferro com visor gradeado com tranca e cadeado. Piso em cimento com pequeno declive para facilitar a limpeza. Acesso ao corredor de manejo por porta dupla de grade reforçada. Parede da frente dos recintos em tela de alambrado reforçada. Parte superior fechada com grade reforçada.



Figura 3.34 -Perspectiva dos recintos tipo 2

O alojamento dos técnicos deverá ter situações confortáveis de descanso e trabalho administrativo para que a equipe do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul permaneça em seu local de trabalho e próximo a eventuais urgências relativas ao programa.

### 3.11. TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE

O treinamento e capacitação de toda a equipe se realizará antes do início da execução do PRAFT, no CETRAS, por meio de Workshop coordenado pelos profissionais experientes (nível 1), os quais transmitirão aos técnicos nível 2, aos estagiários e aos auxiliares de campo suas experiências e as metodologias que serão empregadas pertinentes no programa, dentre outros assuntos.

A inclusão de novos técnicos no decorrer do resgate implica na mobilização de um técnico nível 1 para capacitação e treinamento deste novo membro da equipe.

Visando capacitar técnicos e pessoal de apoio que atuarão no resgate o Workshop abordará os seguintes tópicos:

- Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna: importância, objetivos, metodologia;
- Equipes de trabalho e especialização por componente;
- Características físicas, faunísticas e florísticas da área do empreendimento;
- Uso dos equipamentos e materiais empregados durante o PRAFT;
- Técnicas de contenção por grupo zoológico específico;
- Manejo rotineiro e inspeção;
- Animais venenosos e peçonhentos prevenção de acidentes;
- Uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) e normas de segurança;
- Educação ambiental e sanitária.

### 3.12. CONVÊNIO COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E ENSINO SUPERIOR

Será estabelecido convênio com a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) para participação nos trabalhos como produção científica e vagas de estágio para alunos que cursam Ciências Biológicas na instituição.

As espécies da herpetofauna e mastofauna que serão aproveitados como material científico durante a execução do PRAFT do Porto Sul serão encaminhados para o Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), espécies da avifauna, bem como ninhos inativos e ovos abandonados e/ou não fecundados serão encaminhados para o Museu de Zoologia da UESF, o qual segue em anexo as cartas de intenção enviada pelas instituições (**Anexo 4**).

## 4. LEGISLAÇÃO APLICÁVEL

O **Quadro 4.1** apresenta a legislação federal aplicável a este programa.

**Quadro 4.1 - Legislação Federal Aplicável ao Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna**

Legislação	Disposição/caput
Lei Nº 5197/1967 da Constituição Federal	Dispõe sobre a proteção à fauna, proibindo a perseguição, utilização, destruição, caça, apanha e comércio de animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais.
Instrução Normativa nº 169 e 179 do IBAMA	Institui e normatiza as categorias de uso e manejo da fauna silvestre em cativeiro em território brasileiro, visando atender as finalidades socioculturais, de pesquisa científica, de conservação, exposição, de manutenção, de criação, de reprodução, de comercialização, de abate e de beneficiamento de produtos e subprodutos, constantes do Cadastro Técnico Federal (CTF) de Atividades Potencialmente Poluidoras ou Utilizadoras de Recursos Naturais, e define as diretrizes e procedimentos para destinação dos animais da fauna silvestre nativa e exótica apreendidos, resgatados ou entregues espontaneamente às autoridades competentes.
Lei Federal 9605/98	Dispõe em seu Capítulo V sobre os crimes contra a fauna, em que proíbe matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida; praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.
Instrução Normativa Nº 146/2007 IBAMA	Esta Instrução Normativa estabelece os critérios e padroniza os procedimentos relativos a fauna no âmbito do Licenciamento Ambiental de empreendimentos, como Salvamento, Resgate e Afugentamento da Fauna.



## 5. CRONOGRAMA FÍSICO

Os **Quadros 5.1** e **5.2** apresentam o cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul incluindo as áreas prioritárias e não prioritárias durante a fase de implantação do empreendimento.

**Quadro 5.1 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas Prioritárias.**

ATIVIDADES	MÊSES													
	Prévio ao resgate	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Solicitação de Autorização de Coleta, Captura e Transporte de Material Biológico (ACCTMB)														
Preparação do CETRAS														
Aquisição de equipamentos e materiais do CETRAS														
Treinamento da Equipe Técnica														
Treinamento da Equipe Técnica em Saúde e Segurança (BAMIN)														
Treinamento da equipe em campo														
Planejamento do resgate														
Elaboração de Cronograma de Atividades														
Impressão das Planilhas														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Desvio da BA-001) e Acesso Ponte Almada														
Resgate de Fauna durante a supressão (Desvio da BA-001) e Acesso Ponte Almada														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Acesso Itariri ao Porto Sul)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Acesso Itariri ao Porto Sul)														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Canteiro e Área Offshore)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Canteiro e Área Offshore)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Canteiro Onshore)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Canteiro Onshore)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Pedreira Aninga e Canteiro)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Pedreira Aninga e Canteiro)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Área Administrativa)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Área Administrativa)														
Reintrodução das espécies resgatadas														
Relatório Mensal														
Relatório Final														

**Quadro 5.2 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas não Prioritárias.**

Atividades/ Local	MÊSES																											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Resgate pré-supressão (Subestação Ponte de Acesso)																												
Resgate supressão ((Subestação Ponte de Acesso)																												
Resgate pré-supressão (Subestação Principal)																												
Resgate supressão (Subestação Principal)																												
Resgate pré-supressão Pera e Acesso Ferroviário)																												
Resgate supressão Pera e Acesso Ferroviário)																												
Resgate pré-supressão (Pátio de Estocagem)																												
Resgate supressão (Pátio de Estocagem)																												
Resgate pré-supressão (Virador de Vagões)																												
Resgate supressão (Virador de Vagões)																												
Resgate pré-supressão (Oficina Locomotivas e Vagões)																												
Resgate supressão (Oficina Locomotivas e Vagões)																												
Resgate pré-supressão (Transportadores)																												
Resgate supressão (Transportadores)																												
Resgate pré-supressão (Área TCLD)																												
Resgate supressão (Área TLCD)																												
Reintrodução das espécies resgatadas																												
Relatório Mensal																												
Relatório Final																												

## 6. MEDIDAS MITIGADORAS RELACIONADAS

O presente programa tem como medida mitigadora a identificação de áreas apropriadas para a soltura das espécies resgatadas, antes do início do resgate, onde deve ser feita a soltura e monitoramento de espécies resgatadas.

## 7. INTERRELAÇÃO COM OUTROS PROGRAMAS

Este programa está relacionado principalmente com os seguintes programas:

- 1) Programa de Resgate de Flora;
- 2) Programa de Gerenciamento Ambiental;
- 3) Programa Ambiental para a Construção;
- 4) Programa de Comunicação Social.

## 8. EQUIPE TÉCNICA

O PRAFT do Porto Sul terá a mobilização de profissionais com nível superior experientes na função que irão exercer (nível 1) e legalmente responsáveis pelas suas obrigações. Esta equipe será formada por nove profissionais, sendo estes dois coordenadores, seis biólogos com qualificação específica para cada grupo de fauna (abelhas, anfíbios, répteis, aves, primatas e outros mamíferos) e um veterinário, conforme apresentado no **Quadro 8.1**.

Outra equipe de pelo menos sete técnicos com menos ou sem experiência (nível 2) e pelo menos sete estagiários de ensino superior (do curso de medicina veterinária e ciências biológicas) (nível 3), será treinada para dar apoio e suporte aos profissionais nível 1. A equipe também contará com um técnico especializado em ArcGIS e um técnico especializado em análises estatísticas.

O programa ainda contará com o apoio de pelo menos 50 auxiliares de campo, para fornecer suporte na instalação das armadilhas e outros procedimentos de resgate. Os auxiliares serão selecionados nas comunidades do entorno do empreendimento, e que passarão por um treinamento sobre manejo de animais e palestras de educação ambiental.

**Quadro 8.1 - Perfil da Equipe Técnica Responsável pelo Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna**

Profissional	Formação/Experiência	Função
Biólogo Senior	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Coordenação e responsabilidade técnica
Biólogo Senior	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Coordenação e responsabilidade técnica
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em mastofauna.	Técnico responsável pelo grupo dos Mamíferos (exceto primatas)

Profissional	Formação/Experiência	Função
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em primatas.	Técnico responsável pelo grupo dos Primatas
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em avifauna	Técnico responsável pelo grupo das Aves
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em répteis.	Técnico responsável pelo grupo dos Répteis
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em anfíbios.	Técnico responsável pelo grupo dos Anfíbios
Apicultor	Especialista em abelhas	Técnico responsável pelo grupo das Abelhas
Veterinário	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Médico Veterinário

## 9. RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PROGRAMA

Os responsáveis pela elaboração deste programa são os Biólogo Angelo Giusepe Rodrigues Brasileiro e Lais Carvalho Encarnação (**Anexo 5**).

## 10. RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

A implantação deste programa é de responsabilidade do empreendedor.

## 11. REFERÊNCIAS

AURICCHIO, P. & SALOMÃO, M. G. 2002. Técnicas de coleta e preparação de Vertebrados para fins científicos e didáticos. Instituto Pau Brasil de História Natural, 348p.

CECHIN, S. Z. & MARTINS, M., 2000. Eficiência de armadilhas de queda (Pitfall traps) em amostragens de anfíbios e répteis no Brasil. Revta bras Zool, 17(3): 729-740.

EIA-RIMA do Porto Sul, 2012. Dados obtidos no Tomo XI – Apendice 10 - Fauna e Tomo XIII – Apendice 12-Flora.

Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012. Relatório Final do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu.

Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2013. Relatório da Sexta Campanha de Monitoramento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu.

GREENBERG, C. H., NEARY, D. G. & HARRIS, L. D. 1994. A comparison of herpetofaunal sampling effectiveness of pitfall, single-ended and double-ended funnel traps used with drift fences. J Herpetol. 28(3): 319-324.

IUCN 2013. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.2. <<http://www.iucnredlist.org>>. Downloaded on 21 November 2013.

Ministério do Meio Ambiente, 2003 Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira. Instrução Normativa No 003, de 26 de maio de 2003. Diário Oficial da União, 27 de maio de 2003.

Ministério do Meio Ambiente, 2006. O corredor central da Mata Atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente, Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica, 46p.

Ministério do Meio Ambiente, 2010. Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Núcleo Mata Atlântica e Pampa; organizadores Maura Campanili [e] Wigold Bertoldo Schaffer. Brasília, Biodiversidade (34): 408p.

Rodrigues, M. 2006. Hidrelétricas, Ecologia Comportamental, Resgate de Fauna: uma Falácia. Natureza & Conservação, 4(1): 29-38.

SOS Mata Atlântica, 2013. Nossa causa: Mata Atlântica. Disponível em: <<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2013.

VITT, L. J. & ZANI, P. A. 1999. Espósito MC: Historical ecology of Amazonian lizards: implications for community ecology. Oikos 87: 286-294.



## ANEXOS





Anexo 1 - Lista de espécies confirmadas e de potencial ocorrência da ADA do empreendimento Porto Sul

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
Anfíbios	Anura	Aromobatidae	<i>Allobates olfersioides</i>	Sapinho-foguete	ADA, AID e AII	VU
		Brachycephalidae	<i>Ischnocnema bilineata</i>	Rãzinha-da-mata	SD	
			<i>Ischnocnema cf. guentheri</i>	Rãzinha-do-folhicho	SD	
			<i>Ischnocnema paulodutraii</i>	Rãzinha-do-folhicho	ADA, AID e AII	
			<i>Ischnocnema ramagii</i>	Rãzinha-do-folhicho	AID e AII	
			<i>Ischnocnema vinhai</i>	Rãzinha-do-folhicho	ADA e AID	
		Bufonidae	<i>Frostius erythropthalmus</i>	Sapinho-preto	SD	
			<i>Rhinella crucifer</i>	Sapo-cururuzinho	ADA, AID e AII	
			<i>Rhinella granulosa</i>	Sapo-granuloso	ADA, AID e AII	
			<i>Rhinella hoogmoedi</i>	Sapo-da-mata	ADA e AID	
			<i>Rhinella jimi</i>	Sapo-cururu	SD	
		Centrolenidae	<i>Vitreorana eurygnatha</i>	Rã-de-vidro	ADA	
		Craugastoridae	<i>Haddadus binotatus</i>	Rã-do-folhicho	ADA, AID e AII	
		Cycloramphidae	<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	Sapo-andarilho	AII	
			<i>Odontophrynus carvalhoi</i>		AII	
			<i>Proceratophrys renalis</i>	Sapo-de-chifres	AII	
			<i>Thoropa miliaris</i>	Rã-das-pedras	SD	
		Eleutherodactylidae	<i>Adelophryne pachydactyla</i>		AII	
		Hemiphractidae	<i>Gastrotheca fissipes</i>		SD	
		Hylidae	<i>Agalychnis aspera</i>	Perereca-das-folhagens	AII	
			<i>Aparasphenodon brunoi</i>	Perereca-cabeçuda	AII	
			<i>Aplastodiscus ibirapitinga</i>	Perereca-flautinha	SD	
			<i>Aplastodiscus sibilatus</i>	Perereca-verde	AID	
			<i>Bokermannohyla capra</i>	Perereca-bode	SD	
			<i>Bokermannohyla lucianae</i>		SD	
			<i>Dendropsophus anceps</i>	Perereca-zebra	SD	
			<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	Pererequinha	SD	
			<i>Dendropsophus branneri</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus decipiens/oliverai</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Dendropsophus elegans</i>	Perereca-de-moldura	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus haddadi</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus giesleri</i>	Pererequinha	AII	
			<i>Dendropsophus minutus</i>	Pererequinha-do-brejo	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus novaisi</i>	Perereca	AII	
			<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	Perereca-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	Perereca-cabrinha	SD	
			<i>Hypsiboas atlanticus</i>	Perereca-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas crepitans</i>	Perereca	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas exastis</i>	Perereca	SD	
			<i>Hypsiboas faber</i>	Sapo-martelo	ADA, AID e AII	
			<i>hypsiboas marginatus</i>	Perereca	AII	
			<i>Hypsiboas pombali</i>	Perereca-dormideira	AID e AII	
			<i>Hypsiboas semilineatus</i>	Perereca	AID e AII	
			<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	Perereca-castanhola	ADA, AID e AII	
			<i>Phasmahyla exilis</i>	Perereca-das-folhagens	SD	
			<i>Phasmahyla spectabilis</i>	Perereca-das-folhagens	SD	
			<i>Phyllodytes luteolus</i>	Pererequinha-de-bromélia	AID e AII	
			<i>Phyllodytes melanomystax</i>	Pererequinha-de-bigode	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllodytes tuberculatus</i>	Pererequinha-de-bromélia	AII	
			<i>Phyllomedusa bahiana</i>	Perereca-verde-grande	SD	
			<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	Perereca-folha	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllomedusa nordestina</i>	Perereca-das-folhagens	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllomedusa hypochondrialis</i>	Perereca-das-folhagens	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax agilis</i>	Perereca-de-bromélia	AII	
			<i>Scinax alter</i>	Perereca-do-litoral	AII	
			<i>Scinax argyreornatus</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax cuspidatus</i>	Perereca	SD	
			<i>Scinax eurydice</i>	Perereca-de-banheiro	AID e AII	
			<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-raspa-cuia	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax juncae</i>	Perereca	SD	
			<i>Scinax pachycrus</i>	Perereca	SD	
			<i>Scinax strigilatus</i>	Perereca	ADA e AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
			<i>Scinax x-signatus</i>	Perereca-de-banheiro	ADA, AID e AII			
			<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	Pererequinha-limão	AID e AII			
			<i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	Pererequinha-limão	AII			
			<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	Perereca-de-capacete	ADA, AID e AII			
			Hyloidae		<i>Crossodactylus sp.</i>	Rãzinha-de-riacho	SD	
			Leiuperidae		<i>Physalaemus albifrons</i>	Rãzinha	ADA, AID e AII	
				<i>Physalaemus camacan</i>	Rãzinha	ADA, AID e AII		
				<i>Physalaemus cicada</i>	Rãzinha	SD		
				<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rã-cachorro	SD		
				<i>Physalaemus erikae</i>	Rã-chorona	ADA, AID e AII		
					<i>Physalaemus cf. Kroyeri</i>	Rã-chorona	AII	
					<i>Physalaemus sp.</i>		ADA, AID e AII	
					<i>Pleurodema diplolistris</i>	Rãzinha-de-areia	SD	
					<i>Pseudopaludicola sp.</i>		AII	
					Leptodactylidae		<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã-assobiadeira
	<i>Leptodactylus latrans</i>			Rã-manteiga		ADA, AID e AII		
	<i>Leptodactylus mystacinus</i>			Caçote		SD		
	<i>Leptodactylus mystaceus</i>			Caçote		ADA, AID e AII		
	<i>Leptodactylus natalensis</i>			Caçote-borbulhante		ADA, AID e AII		
	<i>Leptodactylus spixi</i>			Caçote		SD		
	<i>Leptodactylus thomei</i>			Rãzinha-de-folhiço		AII		
	<i>Leptodactylus vastus</i>			Rã-pimenta		AID		
	<i>Leptodactylus viridis</i>			Caçote		SD		
	Microhylidae				<i>Chiasmocleis cordeiroi</i>	Rãzinha-da-mata	AII	
				<i>Chiasmocleis crucis</i>	Rãzinha-da-mata	SD		
				<i>Chiasmocleis gnoma</i>	Rãzinha-da-mata	SD		
				<i>Chiasmocleis schubarti</i>	Rãzinha-da-mata	AII		
				<i>Chiasmocleis sp.</i>	Rãzinha-da-mata	AID		
				<i>Dermatonotus muelleri</i>		SD		
				<i>Hyophryne histrio</i>		SD		
				<i>Stereocyclops incrassatus</i>	Rã-da-chuva	AID, AII		
	Pipidae				<i>Pipa carvalhoi</i>	Rã-d'água	AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
	Gymnophiona	Caeciliidae	<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega	AID		
Répteis	Crocodylia	Alligatoridae	<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré-anão	AID		
			<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré-de-papo-amarelo	AII		
	Tetudines	Chelidae	<i>Acanthochelys cf. Radiolata</i>	Cágado-amarelo	AII		
	Squamata	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaenia alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças	SD		
			<i>Amphisbaenia nigricauda</i>	Cobra-de-duas-cabeças	SD		
		Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa-de-parede	AID, AII		
		Gymnophthalmidae	<i>Alexandresaurus camacan</i>		AII		
			<i>Cercosaura ocellata</i>		SD		
			<i>Ecleopus gaudichaudii</i>		SD		
			<i>Lepossoma cf. annectans</i>	Lagartinho-do-folhico	AID, AII		
			<i>Lepossoma scincoides</i>		SD		
		<i>Micrablepharus maximiliani</i>		SD			
		Iguanidae	<i>Iguana iguana</i>	Iguana	AID		
		Leiosauridae	<i>Enyalius catenatus</i>	Papa-vento	ADA, AID e AII		
		Phyllodactylidae	<i>Bogertia lutzae</i>	Bibra-pintada	AID e AII		
				<i>Phyllopezus pollicaris</i>	Lagartixa	ADA	
				<i>Gymnodactylus darwinii</i>	Bibra-do-folhico	AID e AII	
Polychrotidae				<i>Anolis fuscoauratus</i>	Papa-vento-pequeno	ADA, AID e AII	
				<i>Anolis punctatus</i>	Papa-vento-verde	AII	
				<i>Polychrus marmoratus</i>	Calambião	AII	
Scincidae				<i>Mabuya agilis</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Mabuya macrorhyncha</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Mabuya nigropunctata</i>	Lagartixa	AII	
Sphaerodactylidae		<i>Coleodactylus meridionalis</i>	Bibrinha-mirim	ADA, AID e AII			
Teiidae				<i>Ameiva ameiva</i>	Lagartixa	AID, AII	
				<i>Cnemidophorus abaetensis</i>	Lagartixa	SD	VU
				<i>Cnemidophorus nativo</i>	Lagartixa	SD	VU
				<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Kentropyx calcarata</i>	Lagartixa	AII	
				<i>Tupinambis merinae</i>	Teiú	ADA, AID e AII	
Tropiduridae				<i>Strobilurus torquatus</i>	Lagartixa-do-rabo-espinhudo	AII	
				<i>Tropidurus hygomi</i>	Lagartixa	SD	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Tropidurus hispidus</i>	Lagartixa	ADA e AID	
			<i>Tropidurus torquatus</i>	Lagartixa	All	
		Boidae	<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	AID, All	
			<i>Correalus hortulanus</i>		SD	
			<i>Epicrates cenchria</i>	Salamanta-de-recife	All	
		Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius carinatus</i>	Cobra-cipó	ADA, AID e All	
			<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó	ADA e AID	
			<i>Chironius fuscus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius laevicolis</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius flavolineatus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Drymarchon corais</i>	Papa-pinto	SD	
			<i>Drymoluber dichrous</i>		SD	
			<i>Leptophis ahaetulla</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Spillotes pullatus</i>	Cainana	SD	
		Dipsadidae	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>		SD	
			<i>Imantodes cenchoa</i>	Dormideira	All	
			<i>Leptodeira annulata</i>		SD	
			<i>Liophis miliaris</i>	Cobra-d'água	AID	
			<i>Liophis reginae</i>		SD	
<i>Liophis poecilogyrus</i>			SD			
		<i>Oxyrhopus formosus</i>	Coral	SD		
		<i>Oxyrhopus guibei</i>		SD		
		<i>Oxyrhopus petola</i>		AID		
		<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Cobra-coral	SD		
		<i>Philodryas nattereri</i>	Cobra-cipó	SD		
		<i>Philodryas viridissima</i>	Cobra-verde	SD		
		<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde	AID		
		<i>Phimophis guerini</i>	Cobra-nariguda	SD		
		<i>Pseudoboa nigra</i>	Muçurana	All		
		<i>Sibynomorphus mikani</i>		SD		
		<i>Sibynomorphus neuwiedii</i>	Dormideira	SD		

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
			<i>Siphlophis compressus</i>		SD			
			<i>Siphlophis leucocephalus</i>		SD			
			<i>Siphlophis pulcher</i>		SD			
			<i>Thamnodynastes nattereri</i>	Jararaquinha	SD			
			<i>Tantilla melanocephala</i>	Cobra-da-terra	SD			
			<i>Xenopholis scalaris</i>	Jararaquinha	ADA e AII			
		Elapidae	<i>Micrurus sp.</i>	Coral	AID			
		Typhlopidae	<i>Typhlops bongersmianus</i>	Cobra-da-terra	AID, AII			
		Viperidae	<i>Bothrops leucurus</i>	Jararaca-de-rabo-branco	AII			
			<i>Bothrops pirajai</i>	Jararacuçu-tapete	AII	VU		
			<i>Lachesis muta</i>	Sururucu-pico-de-jaca	AID, AII			
		Aves	Accipitriformes	Accipitridae	<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	AII	
					<i>Buteo albonotatus</i>	Gavião-de-rabo-barrado	ADA e AII	
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta				AII			
<i>Chondrohierax uncinatus</i>	Caracoleiro				ADA e AID			
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira				AID e AII			
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho				AID			
<i>Geranoospiza caerulescens</i>	Gavião-pernilongo				ADA e AII			
<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-cabloco				AID			
<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi				AII			
<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-de-cabeça-cinza				AID, AII			
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó				ADA, AID e AII			
<i>Urubitinga urubitinga</i>	Gavião-preto				ADA e AII			
Anseriformes	Anatidae		<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Pé-vermelho	ADA e AII			
			<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato	AID e AII			
			<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	Pato-de-crista	ADA			
			<i>Dendrocygna viduata</i>	Marreco	AII			
			Anhimidae	<i>Anhima cornuta</i>	Anuma	SD		
Apodiformes	Apodidae		<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão	AID, AII			
			<i>Panyptila cayennensis</i>	Andorinhão-ofodor	AID			
			<i>Tachornis squamata</i>	Tesourinha	AII			
	Trochilidae	<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-azul	AII				
		<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-branco	ADA e AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Anthracothorax nigricollis</i>	Beija-flor-de-veste-preta	ADA, AID e AII	
			<i>Aphantochora cirrochloris</i>	Beija-flor-cinza	ADA, AID e AII	
			<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	ADA, AID e AII	
			<i>Chlorostilbon notatus</i>	Beija-flor-de-garganta-azul	ADA, AID e AII	
			<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	ADA, AID e AII	
			<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto	ADA, AID e AII	
			<i>Glaucis dohrmii</i>	Balanço rabo canela	ADA e AII	EP
			<i>Glaucis hirsutus</i>	Balança-rabo-de-bico-torto	ADA, AID e AII	
			<i>Heliothryx auritus</i>	Beija-flor-de-bochecha-azul	ADA e AII	
			<i>Hylocharis cyanus</i>	Beija-flor-roxo	AID e AII	
			<i>Hylocharis sapphirina</i>	Beija-flor-safira	ADA, AID e AII	
			<i>Plaethornis petrei</i>	Rabo-branco-acanelado	ADA, AID e AII	
			<i>Plaethornis ruber</i>	Rabo-branco-rubro	ADA, AID e AII	
			<i>Thalurania furcata</i>	Beija-flor-tesoura	AII	
			<i>Thalurania glaucopsis</i>	Beija-flor-violeta	ADA e AII	
	Chathartiformes	Cathartidae	<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	ADA, AID e AII	
			<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	ADA, AID e AII	
			<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	ADA, AID e AII	
	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Hydropsalis albicollis</i>	Bacurau	ADA, AID e AII	
			<i>Lurocallis semitorquatus</i>	Tuju	ADA e AII	
		Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	Mãe-da-lua	AID e AII	
	Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius collaris</i>	Batuíra-de-coleira	ADA e AII	
			<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	ADA, AID e AII	
		Jacanidae	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã	ADA e AII	
		Scolopacidae	<i>Gallinago paraguaiae</i>	Narceja	AII	
	Columbiformes	Columbidae	<i>Claravis pretiosa</i>	Pararu-azul	ADA	
			<i>Columbina picui</i>	Picuí	ADA e AII	
			<i>Columbina squammata</i>	Fogo-apagou	ADA, AID e AII	
			<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	ADA, AID e AII	
			<i>Geotrygon montana</i>	Pariri	ADA e AID	
			<i>Leptotila sp.</i>	Juriti	ADA e AID	
			<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti	ADA e AII	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas cayaennensis</i>	Pomba-galega	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas speciosa</i>	Pomba-trocal	ADA e AII	
			<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	AII	
	Coraciformes	Alcedinidae	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde	ADA e AII	
			<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	AID e AII	
			<i>Chloroceryle inda</i>	Martim-pescador-da-mata	ADA e AII	
			<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	ADA e AII	
	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta	ADA e AID	
			<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	ADA, AID e AII	
			<i>Crotophaga major</i>	Anu-coroca	ADA e AII	
			<i>Dromococcyx pavoninus</i>	Peixe-frito-pavonino	AID	
			<i>Guira guira</i>	Anu-branco	ADA, AID e AII	
			<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	ADA, AID e AII	
	Falconiformes	Falconidae	<i>Caracara plancus</i>	Caracará	ADA, AID e AII	
			<i>Falco femoralis</i>	Gavião-coleira	AII	
			<i>Falco ruficularis</i>	Cauré	AID e AII	
			<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	ADA e AII	
			<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	ADA, AID e AII	
			<i>Mivalgo chimachima</i>	Carrapateiro	ADA, AID e AII	
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>			Urubuzinho	ADA e AII		
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Malacoptila striata</i>	Barbudo-rajado	AII		
		<i>Monasa morphoeus</i>	Chora-chuva-de-cara-branca	AID e AII		
		<i>Nystalus maculatus</i>	Rapazinho-dos-velhos	AII		
	Galbulidae	<i>Galbula ruficauda</i>	Ariramba-de-cauda-ruiva	ADA, AID e AII		
	Galliformes	Cracidae	<i>Crax blumembachii</i>	Mutum-do-nordeste	AII	EP
<i>Ortalis guttata</i>			Aracuã	ADA e AID		
<i>Penelope supercilialis</i>			Jacupemba	AID e AII		
Gruiformes	Aramidae	<i>Aramus guaraúna</i>	Carão	AII		
	Rallidae	<i>Amaurolimnas concolor</i>	Saracura-lisa	AII		
		<i>Aramides cajanea</i>	Saracura	ADA e AII		



Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Gallinula chloropus</i>	Frango-d'água	All	
			<i>Gallinula galeata</i>	Frango-d'água-comum	ADA e All	
			<i>Laterallus melanophaius</i>	Sanã-parda	ADA, AID e All	
			<i>Laterallus viridis</i>	Sanã	AID e All	
			<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-castanha	All	
			<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul	ADA, AID e All	
			<i>Porzana albicollis</i>	Sanã-carijó	ADA, AID e All	
		Helionithidae	<i>Helionis fulica</i>	Picaparra	All	
		Coerebidae	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	ADA, AID e All	
		Conopagidae	<i>Conophaga lineata</i>	Chupa-dente	All	
			<i>Conophaga melanops</i>	Cuspidor	All	
		Cotingidae	<i>Lipaugus vociferans</i>	Cricrió	All	
			<i>Xipholena atropurpurea</i>	Anambé-de-asa-branca	ADA	EP
		Dendrocolaptidae	<i>Dendrocincla turdina</i>	Arapaçu-liso	ADA e AID	
			<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande	ADA, AID e All	
			<i>Dendroplex picus</i>	Arapaçu-de-bico-branco	ADA, AID e All	
			<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	Arapaçu-de-bico-de-cunha	ADA, AID e All	
			<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	ADA, AID e All	
			<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu	ADA, AID e All	
			<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	Arapaçu-amarelo	ADA e All	
		Donacobiidae	<i>Donacobius atricapilla</i>	Japacanum	AID e All	
		Furnaridae	<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barranquaeiro	All	
			<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	Curutié	ADA, AID e All	
			<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato	All	
			<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couro-da-lama	ADA, AID e All	
			<i>Furnarius leucopus</i>	Casaca-de-couro-amarela	All	
			<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	ADA, AID e All	
			<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	João-botinha-da-mata	ADA e All	
			<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-de-pau	ADA, AID e All	
			<i>Pseudoseisura cristata</i>	Graveteiro	ADA, AID e All	
			<i>Synalaxis albescens</i>	Uí-pi	ADA e AID	
			<i>Synalaxis frontalis</i>	Petrim	ADA, AID e All	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Synalaxis reficapilla</i>	Pichororé	AII		
			<i>Synalaxis spixii</i>	João-teneném	AII		
			<i>Xenops minutus</i>	Bico-virado-miúdo	ADA, AID e AII		
			<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado	ADA e AII		
		Hirundinidae	<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-de-bando	ADA e AII		
			<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa	ADA, AID e AII		
			<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande	ADA e AII		
			<i>Progne tapera</i>	Andorinha-do-campo	ADA, AID e AII		
				<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora	ADA, AID e AII	
				<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio	ADA, AID e AII	
Mimidae	<i>Mimus gilvus</i>	Sabiá-da-praia	ADA, AID e AII				
	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	ADA e AII				
Motacillidae	<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro-zumbidor	AII				
Thamnophilidae	<i>Drymophila squamata</i>	Pintadinho	AII				
	<i>Formicivora grisea</i>	Papa-formiga-pardo	ADA, AID e AII				
	<i>Herpsilochmus pileatus</i>	Chorozinho-de-boné	ADA, AID e AII	VU			
	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho	AII				
	<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó	AII				
	<i>Myrmotherula axillares</i>	Choquinha-de-flanco-branco	ADA, AID e AII				
	<i>Myrmotherula gularis</i>	Choquinha	AII				
	<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul	ADA, AID e AII				
	<i>Taraba major</i>	Choró-boi	ADA e AII				
	<i>Terenura maculata</i>	Zidedê	AII				
	<i>Thamnophilus ambiguus</i>	Choca-de-sooretama	ADA, AID e AII				
	<i>Thamnophilus palliatus</i>	Choca-listrada	ADA, AID e AII				
	<i>Thamnophilus pelzeni</i>	Choca-do-planalto	AII				
	Rhynchocyclidae	<i>Hemitriccus diops</i>	Olho-falso	AII			
		<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha	AID e AII			
		<i>Phylloscartes sylviolus</i>	Maria-pequena	AII			
		<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	ADA, AID e AII			
<i>Todirostrum poliocephalus</i>		Teque-teque	AII				
<i>Tolmomyias flaviventris</i>		Bico-chato-amarelo	ADA, AID e AII				
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>		Bico-chato-de-orelha-preta	ADA, AID e AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
		Tyrannidae	<i>Arundinicola leucocephala</i>	Freirinha	ADA e AII		
			<i>Attila rufus</i>	Caitão-de-saíra	ADA e AID		
			<i>Attila spadiceus</i>	Capitão-de-saíra-amarelo	ADA e AID		
			<i>Campsiempis flaveola</i>	Marianinha	ADA e AII		
			<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha	ADA, AID e AII		
			<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela	ADA, AID e AII		
			<i>Elaenia mesoleuca</i>	Tuque	ADA e AID		
			<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	ADA, AID e AII		
			<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	ADA, AID e AII		
			<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro	AID e AII		
			<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado	AII		
			<i>Legatus leucophaeus</i>	Bem-te-vi-pirata	ADA, AID e AII		
				<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo	AII	
				<i>Macherynchus rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	ADA, AID e AII	
		<i>Macherynchus pitangua</i>		Neinei	ADA, AID e AII		
		<i>Myiarchus sp.</i>		Maria-cavaleira	AID		
		<i>Myiarchus ferox</i>		Maria-cavaleira	ADA, AID e AII		
		<i>Myiarchus tuberculifer</i>		Maria-cavaleira-pequena	AII		
		<i>Myiarchus tyrannulus</i>		Maria-cavaleira-de-rabo	AII		
		<i>Myiodinastes maculatus</i>		Bem-te-vi-rajado	ADA		
		<i>Myiopagis caniceps</i>		Guaracava-cinzenta	AII		
		<i>Myiomis auriculais</i>		Miudinho	ADA, AID e AII		
		<i>Myiophobus fasciatus</i>		Felipe	ADA e AII		
		<i>Myiozetetes cayanensis</i>		Bentevizinho	ADA		
		<i>Myiozetetes similis</i>		Bentevizinho-de-penacho-vermelho	ADA, AID e AII		
		<i>Ornithion inerme</i>		Poiheiro	AII		
		<i>Philohydor lictor</i>		Bentevizinho	AII		
		<i>Phyllomyias fasciatus</i>		Piolhinho	ADA e AII		
		<i>Pitangus sulphuratus</i>		Bem-te-vi	ADA, AID e AII		
		<i>Platyrichus mystaceus</i>		Patinho	AII		
		<i>Rhytipterna simplex</i>		Vissia	ADA, AID e AII		
		<i>Sirystes sibilator</i>		Gritador	AII		
		<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	Piolhinho	AII			

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
		Pipridae	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	ADA, AID e AII			
			<i>Xolmis irupero</i>	Noivinha	AII			
			<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará-dançarino	AII			
			<i>Chiroxiphia pareola</i>	Tangará-falso	AID, AII			
			<i>Dixiphia pipra</i>	Cabeça-branca	AII			
			<i>Ilicura militares</i>	Tangarazinho	AII			
			<i>Machaeropterus regulus</i>	Tangará-rajado	ADA, AID e AII			
			<i>Manacus manacus</i>	Rendeira	ADA, AID e AII			
			<i>Pipra rubrocapilla</i>	Cabeça-encarnada	ADA, AID e AII			
		Tityridae	<i>Laniocera hygopyrra</i>	Chorona	AII			
			<i>Myiobius barbatus</i>	Assanhadinho	ADA, AID e AII			
			<i>Pachyramphus marginatus</i>	Caneleiro	AII			
			<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto	ADA, AID e AII			
			<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro	AII			
			<i>Tityra cayana</i>	Anhambé	ADA, AID e AII			
			<i>Tityra inquisitor</i>	Anhambé-branco	AII			
		Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	ADA, AID e AII			
				Troglodytidae	<i>Vireo olivaceus</i>	Juruviara	ADA, AID e AII	
					<i>Campylorhynchus turdinus</i>	Catatau	ADA, AID e AII	
					<i>Pheugopedius genibarbis</i>	Garrincho-pai-avô	ADA, AID e AII	
					<i>Troglodytes musculus</i>	Corruira	ADA, AID e AII	
				Poliotilidae	<i>Poliotila plumbea</i>	Balança-rabo-de-chapéu-preto	ADA, AID e AII	
					<i>Rhanphocaenus melanurus</i>	Bico-assovelado	ADA, AID e AII	
Turdidae	<i>Turdus albicollis</i>			Sabiá-coleira	AII			
	<i>Turdus amaurochalinus</i>			Sabiá-poca	AII			
	<i>Turdus flavipes</i>			Sabiá-uma	AII			
	<i>Turdus fumigatus</i>			Sabiá-da-mata	AII			
	<i>Turdus leucomelas</i>			Sabiá-barranco	ADA, AID e AII			
	<i>Turdus rufiventris</i>			Sabiá-laranjeira	ADA, AID e AII			
Thraupidae	<i>Conirostrum speciosum</i>			Figuinha-de-rabo-castanho	AII			
	<i>Chlorophanes spiza</i>			Sai-verde	ADA, AID e AII			
	<i>Cyanerpes cyaneus</i>			Saira-beija-flor	AII			
	<i>Dacnis cayana</i>			Sai-azul	ADA, AID e AII			
	<i>Habia rubica</i>	Tiê-do-mato-grosso	AII					

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
			<i>Hemithraupis flacollis</i>	Saira-galera	All			
			<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-do-chapéu-preto	ADA, AID e All			
			<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste	ADA, AID e All			
			<i>Rhamphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	ADA, AID e All			
			<i>Saltator maximus</i>	Tempera-viola	ADA, AID e All			
			<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro	All			
			<i>Tachyphonus cristatus</i>	Tiê-galo	All			
			<i>Tachyphonus rufus</i>	Pipira-preta	ADA, AID e All			
			<i>Tangara brasiliensis</i>	Cambada-de-chaves	All			
			<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela	ADA, AID e All			
			<i>Tangara cyanomelaena</i>	Saíra-pérola	ADA e AID			
			<i>Tangara palmarum</i>	Sanhaçu-do-coqueiro	ADA, AID e All			
			<i>Tangara sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento	ADA, AID e All			
			<i>Tangara seledon</i>	Saíra-sete-cores	ADA, AID e All			
			<i>Tangara velia (cyanomelaena)</i>	Saí-andorinha	ADA e All			
			<i>Thlypopsis sordida</i>	Saí-canário	ADA			
			<i>Tersinia viridis</i>	Saí-diamante	All			
			Emberizidae	<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo	ADA, AID e All		
		<i>Arremon taciturnus</i>		Tico-tico-do-bico-preto	ADA e All			
		<i>Emberizoides herbicola</i>		Canário-do-campo	ADA, AID e All			
					<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra-verdadeiro	ADA, AID e All	
					<i>Sporophila ardesiaca</i>	Papa-capim-de-costas-cinzas	AID	
					<i>Sporophila angolensis</i>	Curió	All	
					<i>Sporophila bouvreuil</i>	Caboclinho	ADA e All	
					<i>Sporophila nigricolis</i>	Baiano	ADA, AID e All	
					<i>Sporophila leucoptera</i>	Chorão	ADA, AID e All	
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu				ADA, AID e All			
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico				All			
Cardinalidae	<i>Cyanoloxia brissonii</i>				Azulão	ADA		
Parulidae	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>				Pia-cobra	ADA, AID e All		
	<i>Parula pitiayumi</i>			Mariquita	ADA, AID e All			
Icteridae	<i>Cacicus cela</i>			Xexéu	ADA, AID e All			
	<i>Cacicus haemorrhous</i>			Guaxe	ADA, AID e All			

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Chrysomus ruficapilla</i>	Garibaldi	AII		
			<i>Gnorimopsar chopi</i>	Graúna	ADA, AID e AII		
			<i>Icterus cayannensis</i>	Encontro	ADA e AII		
			<i>Icterus jamacaii</i>	Currupeirão	ADA, AID e AII		
			<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro	AID		
			<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta	ADA, AID e AII		
			<i>Sturnella supercilialis</i>	Polícia-inglesa-do-sul	AII		
			Fringillidae	<i>Chlorophonia cyanea</i>	Bandeirinha	AII	
				<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	ADA, AID e AII	
				<i>Euphonia pectoralis</i>	Ferro-velho	AII	
				<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo-verdadeiro	ADA, AID e AII	
				<i>Euphonia xanthogaster</i>	Fim-fim-grande	ADA, AID e AII	
		Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	ADA e AII		
		Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal	ADA e AII		
		Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande	ADA, AID e AII	
				<i>Botaurus pinnatus</i>	Socó	AII	
				<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	ADA, AID e AII	
				<i>Butorides striata</i>	Socó	ADA e AII	
				<i>Egretta caerulea</i>	Garça-azul	ADA e AII	
				<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	ADA e AII	
				<i>Nyctanassa violacea</i>	Savacu	AII	
				<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu	AII	
				<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	ADA e AII	
				Piciformes	Rhamphastidae	<i>Pteroglossus aracari</i>	Araçari-de-bico-branco
		<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto			ADA, AID e AII	
			Picidae	<i>Campephilus melanoleucos</i>	Pica-pau-de-topete-vermelho	ADA e AID	
				<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	ADA, AID e AII	
<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela			ADA, AID e AII			
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado			ADA, AID e AII			
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca			ADA, AID e AII			
<i>Melanerpes candidus</i>	Birro, pica-pau-branco			ADA, AID e AII			
<i>Melanerpes flavifrons</i>	Pica-pau			ADA, AID e AII			
<i>Piculus flavigula</i>	Pica-pau-bufador			ADA e AII			

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Picumnus cirratus</i>	Pica-pau-anão	All	
			<i>Picumnus exilis</i>	Pica-pau-anão-pinta-amarela	ADA e All	
			<i>Picumnus pygmaeus</i>	Pica-pau-anão	ADA e AID	
			<i>Veniliornis affinis</i>	Pica-pau	ADA e All	
			<i>Veniliornis maculifrons</i>	Picapauzinho	ADA e All	
			<i>Veniliornis sp.</i>	Picapauzinho	AID	
			<i>Veniliornis passerinus</i>	Picapauzinho-anão	ADA e All	
	Podicipediformes	Podicipedidae	<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão	All	
			<i>Tachybaptus dominicus</i>	Marrequinho	AID	
	Psittaciformes	Psittacidae	<i>Aratinga aurea</i>	Periquito-rei	ADA, AID e All	
			<i>Aratinga auricapillus</i>	Jandaia	All	
			<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito-rico	ADA, AID e All	
			<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	ADA, AID e All	
			<i>Pionopsitta pileata</i>	Cuiu-cuiu	All	
			<i>Primolius maracana</i>	Maracanã	All	
			<i>Pyrrhura leucotis</i>	Tiriba-de-orelha-branca	ADA, AID e All	VU
			<i>Touit surdus</i>	Apuim	AID e All	EP
	Suliformes	Fregatidae	<i>Fregata magnificens</i>	Tesourão	ADA	
	Strigiformes	Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	Suindara	All	
		Strigidae	<i>Athene cunicularia</i>	Buraqueira	All	
			<i>Ciccaba virgata</i>	Coruja-do-mato	All	
			<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé	ADA, AID e All	
			<i>Glaucidium minutissimum</i>	Caburé-miudunho	AID	
			<i>Megascops choliba</i>	Corujinha	All	
			<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i>	Murucututu	ADA e All	
			<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu	AID	
			<i>Strix huhula</i>	Coruja-preta	ADA	
	Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambuguaçu	AID e All	
			<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-chororó	ADA, AID e All	
			<i>Crypturellus soui</i>	Tururim	All	
			<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-chintã	All	
			<i>Crypturellus variegatus</i>	Inhambu	All	
			<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz	AID	
			<i>Tinamus</i>	Macuco	All	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
	Trogoniformes	Trogonidae	<i>solitarius</i>				
			<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-variado	ADA e AII		
			<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-grande-de-barriga-amarela	ADA, AID e AII		
Mamíferos	Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	Veado	AID e AII		
		Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	Caítitu	AID e AII		
	Carnivora	Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	ADA, AID e AII		
			<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaritica	ADA e AID	VU	
		Felidae	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	SD	VU	
			<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	SD	VU	
			<i>Puma concolor</i>	Onça sussuarana	ADA	VU	
			Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	AII	
		<i>Galictis cuja</i>		Furão	AID		
		<i>Lontra longicaudis</i>		Lontra	SD		
		Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	AID		
			<i>Potos flavus</i>	Jupará	SD		
			<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	ADA, AID e AII		
		Chiroptera	Emballonuridae	<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego	SD	
				<i>Rynchonycteris naso</i>	Morcego	SD	
	<i>Saccopteryx bilineata</i>			Morcego	AID		
	Molossidae		<i>Molossus molossus</i>	Morcego	SD		
			<i>Molossus rufus</i>	Morcego	SD		
	Noctilionidae		<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego	SD		
	Phyllostomidae		<i>Anoura caudifer</i>	Morcego	ADA e AID		
			<i>Artibeus cinereus</i>	Morcego	ADA e AID		
			<i>Artibeus fimbriatus</i>	Morcego	ADA e AID		
			<i>Artibeus gnomus</i>	Morcego	SD		
			<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	ADA e AID		
			<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego	ADA e AID		
		<i>Artibeus planirostris</i>	Morcego	ADA e AID			
		<i>Carollia brevicauda</i>	Morcego	ADA e AID			
		<i>Carollia castanea</i>	Morcego	AID			
<i>Carollia perspicillata</i>		Morcego	ADA e AID				
<i>Chiroderma vilosum</i>	Morcego	SD					
<i>Choeroniscus minor</i>	Morcego	AID					



Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	ADA e AID	
			<i>Diaemus youngi</i>	Morcego	SD	
			<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	SD	
			<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego	AID	
			<i>Lanchorhina aurita</i>	Morcego	SD	
			<i>Lichonycteris obscura</i>	Morcego	SD	
			<i>Lionycteris spurrelli</i>	Morcego	SD	
			<i>Lonchophylla mordax</i>	Morcego	SD	
			<i>Mimon benettii</i>	Morcego	SD	
			<i>Mimon crenulatum</i>	Morcego	SD	
			<i>Mycronycteris hirsuta</i>	Morcego	AID	
			<i>Mycronycteris microtis</i>	Morcego	SD	
			<i>Mycronycteris minuta</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Mycronycteris schmidtorum</i>	Morcego	SD	
			<i>Phylloderma stenops</i>	Morcego	AID	
			<i>Phyllostomus discolor</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Phyllostomus elongatus</i>	Morcego	SD	
			<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	AID	
			<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Platyrrhinus recifinus</i>	Morcego	SD	
			<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Rhogeessa hussoni</i>	Morcego	AID	
			<i>Sturnira lilium</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Sturnira tildae</i>	Morcego	SD	
			<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego	AID	
			<i>Trinycteris nicefori</i>	Morcego	AID	
			<i>Uroderma bilobatum</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Vampyressa pusila</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Vampyressa thyone</i>	Morcego	ADA e AID	
		Thyropteridae	<i>Thyroptera tricolor</i>	Morcego	SD	
		Vespertilionidae	<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Myotis nigricans</i>	Morcego	SD	
Cingulata		Dasypodidae	<i>Cabossous sp.</i>	Tatu-rabo-de-sola	AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
	Didelmorpha	Didelphidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-verdadeiro	ADA, AID e AII			
			<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatuí	SD			
			<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	ADA, AID e AII			
			<i>Cryptonanus agricolai</i>	Catita, quaiquica	AID			
			<i>Cryptonanus sp.</i>	Catita	ADA			
			<i>Didelphis albiventris</i>	Sariguê, saruê	ADA e AID			
			<i>Didelphis aurita</i>	Sariguê, saruê	AID e AII			
			<i>Gracilinanus (agilis) microtarsus</i>	Catita	AID e AII			
			<i>Marmosa murina</i>	Cuíca, marmosa	ADA e AID			
			<i>Marmosa sp.</i>	Cuíca	AID			
			<i>Marmosops incanus</i>	Cuíca, quaiquica	AID			
			<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca de quatro olhos, jupati	AII			
			<i>Micoureus demerarae</i>	Cuíca	SD			
			<i>Micoureus paraguayanus</i>	Catita	AII			
			<i>Philander frenatus</i>	Cuíca de quatro olhos, cuíca verdadeira	SD			
			Pilosa	Bradypodidae	<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira	ADA	
					<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-comum	AID	
				Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá- mirim	ADA e AID	
					Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix jacchus</i>	Sagüi-de-tufos-brancos
			<i>Callithrix kuhlii</i>	Sagüi-de-cara-suja			ADA, AID e AII	
			<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	Mico-leão-da-cara-dourada			AII	EP
				Cebidae	<i>Cebus xanthosternus</i>	Macaco-prego-do-peito-amarelo	AID, AII	CR
Rodentia	Cavidae	<i>Cavia porcellus</i>	Préa	SD				
		Cricetidae	<i>Cricetidae (espécie não identificada)</i>	Rato	AII			
			<i>Akodon cursor</i>	Rato	ADA e AID			
			<i>Cerradomys (subflavus) vivoi</i>	Rato	ADA e AID			
			<i>Hylaemys laticeps</i>	Rato	AID			
			<i>Nectomys squamipes</i>	Rato	SD			
			<i>Oecomys bicolor</i>	Rato-do-mato	AID			
			<i>Oligoryzomys flavescens</i>	Rato-do-mato	SD			
			<i>Oligoryzomys nigripes</i>	Rato-do-mato	SD			
			<i>Oligoryzomys sp.</i>	Rato-do-mato	AID			

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Orizomine sp.</i>	Rato-do-mato	SD	
			<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	Rato-do-mato-focinhudo	SD	
			<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato	AID	
			<i>Thaptomys nigrita</i>	Rato	AID	
			<i>Trinomys sp.</i>	Rato-de-espinho	All	
		Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	ADA e AID	
		Dasyproctidae	<i>Dasyprocta aguti</i>	Cutia	ADA, AID e All	
		Echimydae	<i>Challistomys pictus</i>	Saruê-bejú, rato-do-cacau	AID, All	VU
		Erethizontidae	<i>Chaetomys subspinosus</i>	Ouriço-preto	ADA, AID e All	VU
			<i>Sphiggurus insidiosus</i>	Ouriço-cacheiro	ADA, AID e All	
		Hidrochaeridae	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	ADA, AID e All	
		Muridae	<i>Mus musculus</i>	Camundongo	All	EXO
			<i>Rattus norvegicus</i>	Rato-de-telhado	ADA, All	EXO
			<i>Rattus rattus</i>	Rato-de-esgoto	AID	EXO
		Sciuridae	<i>Guerlinguetus ingrami</i>	Quebra-coco	All	



Anexo 2 – Lista de material que será utilizado durante a execução do PRAFT

<b>Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna</b>	
<b>EPI</b>	Material
	Capacete
	Perneira
	Calçado de borracha
	Luva de pano
	Luva de raspa de couro
	Óculos de proteção
	Protetor Auricular
	Protetor Solar FPS 50
	Repelente
	Colete sinalizador
	Apito
<b>Fardamento</b>	Camisa personalizada de manga comprida (verde)
	Calça de brim (verde)
	Colete para Responsável Técnico personalizado
<b>Equipamentos e Material de campo</b>	Tenda (toldo com proteções laterais)
	Banquetas de campo
	Mesa retrátil de campo
	Pranchetas de campo
	Fita zebra
	Ancinho
	Carro de mão
	Cavador articulado
	Enxada
	Facão 18"
	Pá de bico
	Rastelo
	Enxadeta
	Picareta
	Sacos plásticos transparentes (pact 100 und)
	Papel Ofício (resma)
	Caixa marcados permanente na cor preta
	Caixa de lápis com borracha
	Caixa de caneta preta
	Trena 5m
Trena 30 m	

<b>Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna</b>	
	Rossadeira Sthill
	Motosserra Sthill
	Gasolina (litro)
	Óleo 2t (litro)
<b>Materiais de Captura e Acondicionamento da Fauna</b>	Pinça grande (40cm)
	Pinça pequena (15cm)
	Pote plástico 250 mL
	Pote plástico 500 mL
	Pote plástico 1000 mL
	Puçá pequeno (tipo para peixe de aquário)
	Saco plástico transparente
	Caixa organizadora Sanremo tamanho pequeno
	Caixa organizadora Sanremo tamanho médio
	Caixa organizadora Sanremo tamanho grande
	Pinção herpetológico
	Gancho herpetológico
	Kit tubular para imobilização de serpente
	Saco de pano tamanho médio (cor clara)
	Saco de pano tamanho grande (cor clara)
	Laço com cambão
	Puçá para aves malha pequena
	Puçá para aves malha grande
	Gaiola grande
	Caixa de madeira pequena
	Caixa de madeira média
	Caixa de madeira grande
	Caixa de madeira extra grande
	Caixa Butantã
	Caixa tipo biotério
	Garrafa de água para caixa tipo biotério
	Puçá para mamíferos
	Caixa de transporte de animais domésticos média
	Rolo 100m de lona plástica preta (largura de 8m)
	Caixa de grampo Rocama
	Grampeador Rocama
	Balde de 65 litros
Placa de isopor de 2cm de espessura	

<b>Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna</b>	
	Espuma de baixa densidade (metro)
	Filho (rolo)
	Tesoura grande
	Furadeira
	Broca de 2mm
	Podão para corte de galho à altura
	Escada retrátil de alumínio
	Potes de água para pet
	Vassoura de fogo
	Botijão gás
	Germen-kill (litro)
	Tinta branca a prova d'água atóxica
	Pincel
	Classificador
	Cadernos capa dura pequeno
	Tiner (litro)
	Pedra de amolar
	Caixa-abrigo abelhas
	Fumegador
	Roupa de proteção contra abelhas
	Botas brancas
	Luvas brancas de couro e brim
<b>Equipamento para Vistoria Noturna e Diurna da Fauna</b>	Lanterna MagLight 3d-led
	Lanterna de cabeça
	Binóculos Waterproof 8 X 42 ou 10X 42
	Roupa amphibia
	Bota Galocha
	Bateria alcalina tamanho D
	Bateria alcalina tamanho AA
	Bateria alcalina tamanho AAA
<b>Equipamento de Registro</b>	Máquina fotográfica Digital Cannon SX40 HS
	GPS Garmin
<b>Transporte de Fauna</b>	Carreta para transporte de fauna
	Cobertura de carreta
	Quadriciclo 4x4 Honda
	Veículo Pick-up 4x4
	Gasolina (litro)

<b>Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna</b>	
	Equipo de reboque para o quadriciclo
	Espuma de alta densidade (metro)
<b>Biometria e Marcação de Animais</b>	Caderno de biometria
	Paquímetro digital
	Elastômero Kit
	Pesola menor calibre (10 ou 20g)
	Pesola 100 g
	Pesola 300 g
	Pesola 600 g
	Pesola 1e 5 kg
	Régua milimetrada Inox
	Régua milimetrada e dobrada na ponta para aves 150mm
	Régua milimetrada e dobrada na ponta para aves 300mm
	Fita métrica
	Anilhas alfa-numéricas de mesmo tamanho
	Coleira tie-pie plástica
	Brincos de inox numerados
	Sexador
	Anilhas - Cemave
	Anilhas coloridas
	Alicate de inclusão de anilha
	Alicate de extração de anilha
	Aplicador de anilha plástica
	Maleta organizadora para as anilhas
	Radio-colar
	Transmissor
	Antena
Leitor de Microchip Trovan	
Microchip - Caixa com 100 und	
Luz negra	
<b>Equipamento e Utensílios do CETAS</b>	auto clave
	colchões térmicos
	mesa cirúrgica
	aparelho de anestesia inalatória
	oxímetro de pulso
	foco cirúrgico
	mesa de instrumental



**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

	balança veterinária
	balança de alta precisão
	mesa de fluidoterapia com escoamento de fluidos
	carro para curativos
	suportes de soro
	mesa para auto clave
	cilindro de oxigênio grande
	bomba de infusão Mindray
	doppler vascular veterinário
	desfibrilador DX 10 Plus
	incubadora automática
	incubadora prática
	monitor multiparâmetros
	termômetros flexíveis
	armários vitrine MDF grande
	aparador de cirurgia
	módulos canil aço inox
	gaiola de contenção para felinos
	gatil inox
	macas
	mesas para equipamentos
	traquéias para aparelho de anestesia
	circuitos baraka
	cambões inoxidáveis
	laringoscópio
	estetoscópio
	glicosímetro
	ambu (reanimador manual)
	balão de reinalação 1 litro
	balão de reinalação 2 litros
	balão de reinalação 3 litros
	balão de reinalação 500 mL
	cal sodada
	manguito veterinário n° 1
	manguito veterinário n° 2
	manguito veterinário n° 3
	manguito veterinário n° 4

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna	
	manguito veterinário n° 5
	máscara para anestesia pequena
	máscara para anestesia média
	máscara para anestesia grande
	sondas endotraqueais 2,0mm
	sondas endotraqueais 2,5mm
	sondas endotraqueais 3,0mm
	sondas endotraqueais 3,5mm
	sondas endotraqueais 4,0mm
	sondas endotraqueais 4,5mm
	sondas endotraqueais 5,0mm
	sondas endotraqueais 5,5mm
	sondas endotraqueais 6,0mm
	sondas endotraqueais 6,5mm
	sondas endotraqueais 7,0mm
	sondas endotraqueais 7,5mm
	sondas endotraqueais 8,0mm
	sondas endotraqueais 8,5mm
	sondas endotraqueais 9,0mm
	sondas endotraqueais 9,5mm
	sondas endotraqueais 10mm
	jogo de colar para aves
	jogo de abrir bico
	sonda para alimentação de aves 2,0mm
	sonda para alimentação de aves 2,7mm
	sonda para alimentação de répteis
	tala rápida universal para aves com recortes
	tambores para gaze
	porta algodões
	estojos inox 36x16x0,8cm
	cuba rim
	cuba luminox
	cabo de bisturi n°4
	afastador Farabeuf (par) pequeno
	afastador Farabeuf (par) grande
	pinça Allis (par) pequeno
	pinça Allis (par) grande

**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

	pinça anatômica de dissecação pequena
	pinça anatômica de dissecação grande
	pinça Adson pequena
	pinça Adson grande
	pinças Backhaus pequena
	pinças Backhaus grande
	pinça dente de rato pequena
	pinça dente de rato grande
	pinças Hausted (Mosquito) retas 12cm
	pinças Hausted (Mosquito) curvas 12cm
	pinças hemostáticas Kelly retas pequeno
	pinças hemostáticas Kelly retas grande
	pinças hemostáticas Kelly curvas pequeno
	pinças hemostáticas Kelly curvas grande
	pinças hemostáticas Rochester curvas pequeno
	pinças hemostáticas Rochester curvas grande
	pinças hemostáticas Rochester retas pequeno
	pinças hemostáticas Rochester retas grande
	porta agulha Mayo Hegar com tesoura grande
	porta agulha Mayo Hegar com tesoura pequeno
	tesoura cirúrgica pequena
	tesoura cirúrgica grande
	tesoura iris pequena
	tesoura iris grande
	tesoura lister pequena
	tesoura lister grande
	tesoura Mayo Stille pequena
	tesoura Mayo Stille grande
	tesoura Metzemaum pequena
	tesoura Metzemaum grande
	tesoura Spencer p/ retirar pontos pequena
	pinça de antissepsia Forster pequena
	pinça de antissepsia Forster grande
	afastador de Wolkman pequena
	goiva pequena
	furadeira autoclavável veterinária
	pinças de redução espanhola pequena

<b>Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna</b>	
	pinças de redução auto centrante pequena
	fio para cerclagem 0,6mm
	pinos de Schanz 1,0mm
	pinos de Schanz 1,5mm
	pinos de Schanz 2,5mm
	pinos de Schanz 2,0mm
	pinos de Schanz 3,0mm
	pinos de Schanz 3,5mm
	pinos de Schanz 4,0mm
	resina acrílica Vipflash líquida 1 litro
	resina acrílica Vipflash pó 1kg
	rifle de dardo tranquilizante
	rede de corda de 5m <sup>2</sup>
	máquina de tricotomia
	autoclave
	Mesa de atendimento
	Compressas
	Bancada para procedimentos
	Armário de aço
	Estante de aço
	Bancada de 4m
	Bancada de 3m
	Mesa de Estudo
	Cadeira
	Geladeira
	Freezer horizontal
	Ar-condicionado de 12.000 btus
	Coletor Universal
	Termômetro digital
	Balança de suspensão pesola de 1 kg
	Balança de suspensão pesola de 10 kg
	Balança de suspensão pesola de 500 kg
	Pia de inox com duas cubas fundas
	Caixa de isopor 50 litros
	Lixeira grande
<b>Material de procedimentos Médicos-veterinários e medicamentos</b>	Enrofloxacin (Flotril 2,5%) injetável
	Flunixin meglumina (Banamine pet) injetável

**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

Ketofen 15 injetável
Pomada Ganadol
Quetamina
Glicose
Potenay injetável
Azium injetável
Algodão
Mercepton injetável
Estanca sangue líquido
Terra cortril spray
maxican 2% de 50mL
Flunamine de 50mL
maxican 0,2% de 50mL
bionew de 100mL
ornitil de 100mL
tribrissen de 15mL
kinetomax de 50mL
ioimbina a 10% de 50mL
terramicina de 50mL
vitamina K de 20mL
vitamina C de 20mL
catosal B12 de 20mL
cetamina de 10mL
xilazina de 10mL
zoletil
acepran 1%
acepran 0,2%
caixa lidocaína sem vaso constritor
caixa lidocaína com vaso constritor
viviram de 20mL
caixa de glicose a 50%
caixa de glicose a 25%
caixa de flumazenil 0,1mg
caixa de narcan 0,4mg
caixa de epinefrina
caixa de atropina 0,25mg
caixa de dopamina 5mg

**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

caixas de transamin
caixa de ranitidina 25mg
caixa de metoclopramida 10mg
caixa de dexametasona
caixa de prometazina 25mg
caixas de diazepam 5mg
caixas de midazolam 5mg
caixas de propofol
isoflurano 100mL
caixa de cefalotina
caixas de morfina 10mg
caixas de morfina 1mg
caixas de tramal 50mg
caixas de meperidina 50mg
caixas de seringas de 1mL
caixas de seringas de 0,3mL
caixas de seringas de 0,5mL
caixas de seringas de 20mL
caixas de seringas de 3mL
caixas de seringas de 5mL
caixas de seringas de 10mL
caixas de seringas de 20mL
caixas de fio vicryl 3-0
caixas de fio de náilon 3-0
caixas de fio de náilon 2-0
caixas de fio de náilon 0
caixas de fio de náilon 1
caixas de fio de náilon 2
equipos macrogotas com ejetor lateral
equipos microgotas com ejetor lateral
torneiras de 3 vias
caixas de cateter 20G
caixas de cateter 18G
caixas de cateter 22G
caixas de cateter 24G
caixas agulha 30x8
caixas agulha 40x12

**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

	caixas solução fisiológica de 500mL
	caixas solução fisiológica de 250mL
	caixas solução Ringer com Lactato 500mL
	caixas solução Ringer com Lactato 250mL
	caixas lâmina de bisturi nº 22
	pacotes avental cirúrgico descartável
	caixas máscara cirúrgica
	pacotes gorro cirúrgico
	caixa Fortemil 500ml
	pacotes papel toalha
	caixas luvas de procedimento G
	caixas luvas de procedimento PP
	luvas cirúrgica estéril 8
	luvas cirúrgica estéril 6,5
	pacotes de gaze com 500
	rolos de esparadrapo 10cm
	pacotes de atadura 10cm
	pacotes de atadura 15cm
	pacotes de atadura 30cm
	rolos de algodão 500g
	caixa conjunto escova-esponja iodopovidona 100mg/ml
	álcool 70%
	éter
	iodopovidine tópico
	álcool iodado
	clorexidine 2% degermante
	desinfetante veterinário Vet+
	caixas coletora de materia perfuro cortante de 20 litros
	Formol (litros)
<b>Equipamento e Utensilios do Alojamento</b>	Beliche
	Colchão de solteiro
	Guarda-roupa
	Mesa de estudo
	Cadeira de estudo
	Fogão
	Bujão de gás
Equipo e mangueira de gás	

**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

Geladeira
Armário de cozinha
Bancada de 3m
Sofá-cama
Televisão
Mesa de Jantar
Cadeiras
Panela de Pressão
Panelas
Frigideira
Leiteira
Copos
Concha de Feijão
Talheres (jogos com 6)
Espatula
Pratos
Escorredor de Arroz
Escorredor de Louça
Assadeira
Travessa
Abridor de Garrafa e Lata
Tupperware
Filtro de Café de papel (caixa)
Garrafa de café
Jarra de Água
Pano de Prato
Tesoura grande
Tábua de Carne
Microondas
Liquidificador
Facas
Escumadeira
Colher de pau
Pinça de macarrão
Porta sabão
Porta talheres
Tapete de cozinha e banheiro



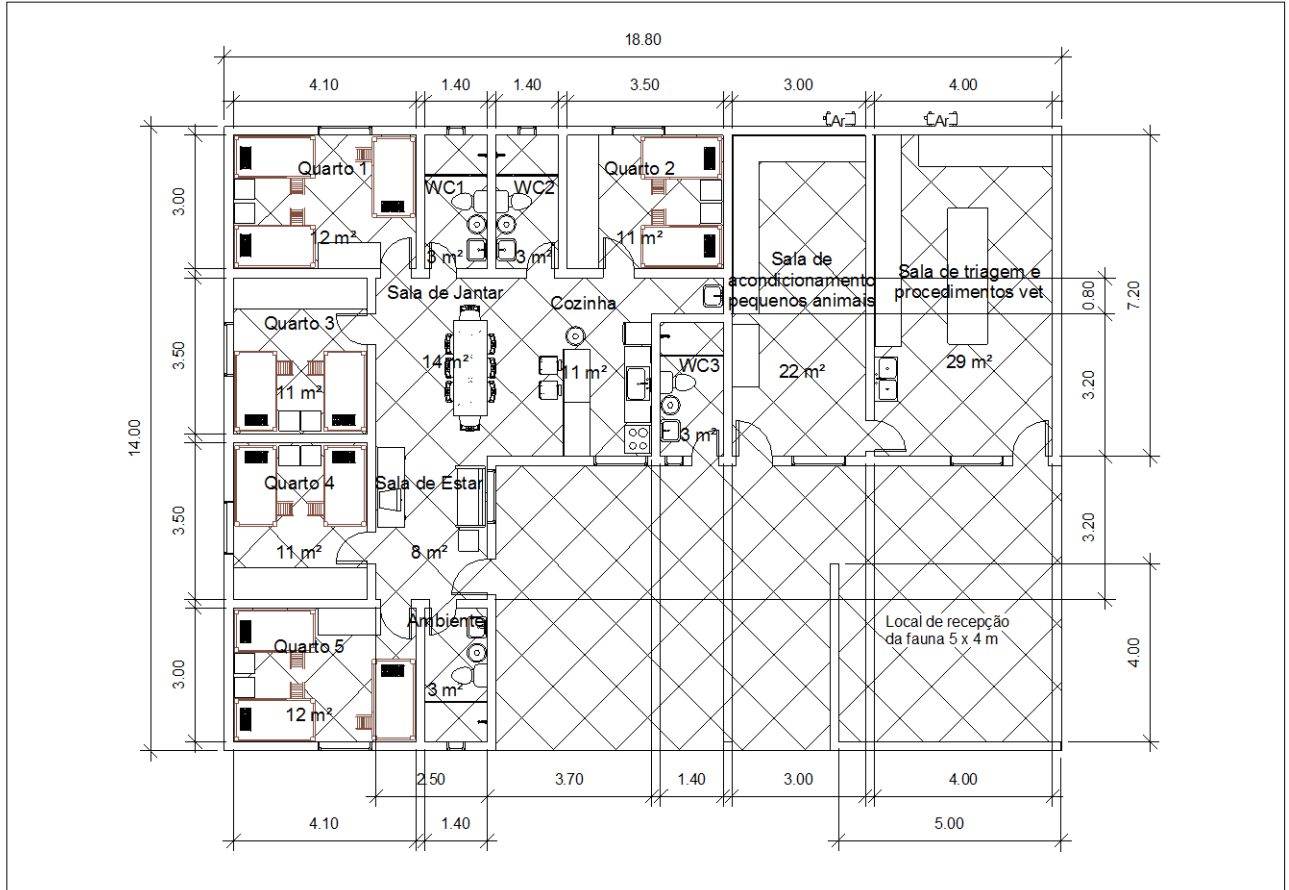
**Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna**

	Toalha de rosto
	Papel higiênico (pacote de 8)
	Desinfetante
	Detergente
	Esponja de Aço (pacote)
	Água Sanitária
	Sabão em Pó
	Amaciante
	Prendedor de roupa (pacote)
	Escova para vaso sanitário
	Assento sanitário
	Desodorizador sanitário
	Corda de varal (30 metros)
	Sabão em pedra (pacote)
	Bucha de cozinha (pacote com 2 unid.)
	Tolha de Mesa
	Impressora/Scanner
	Computador
	Lixeira
	Vassoura
	Rodo
	Balde
	Pano de Chão
	Faxineira de segunda a sexta
<b>Alimentação da Equipe</b>	Café da manhã
	Almoço
	Jantar
	Água (litros)

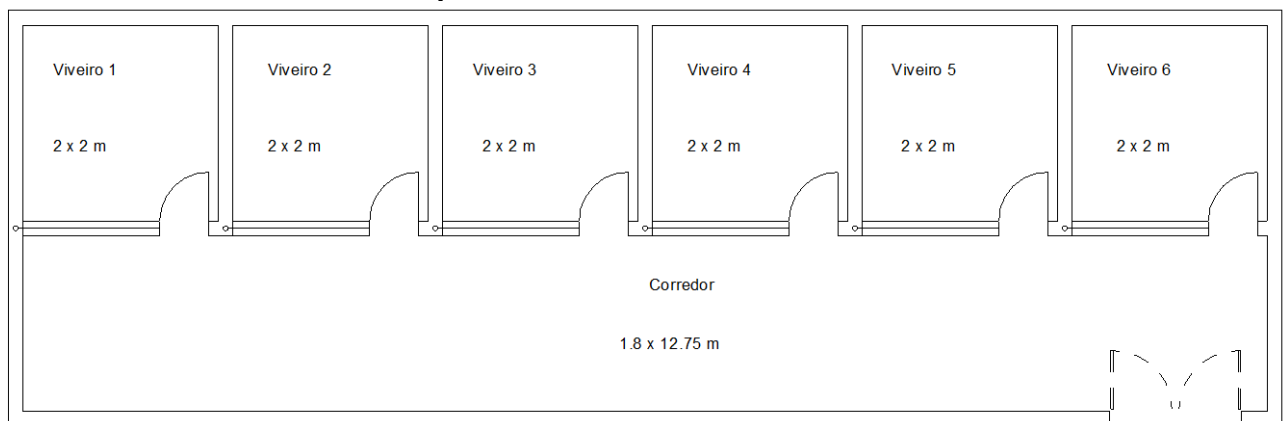


Anexo 3 – Plantas do CETAS, Alojamento e Recintos Externos

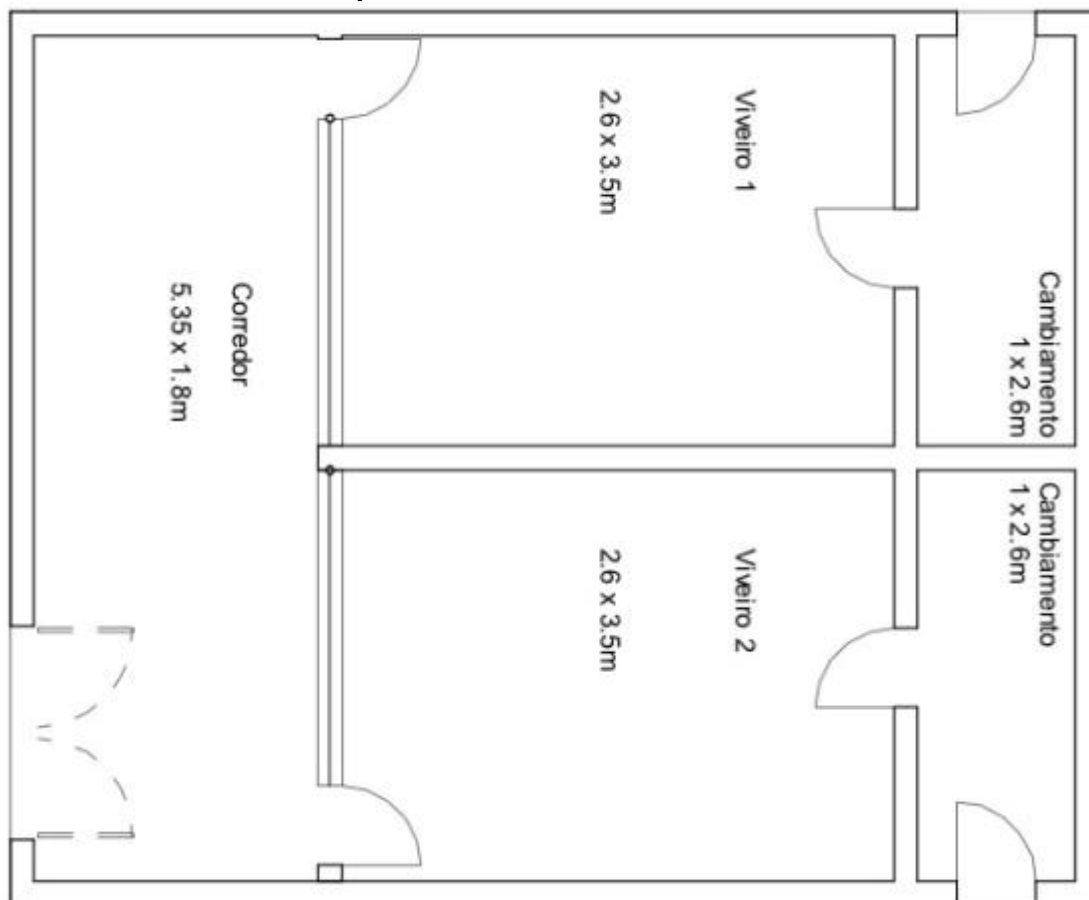
**A – Planta Baixa do CETAS e Alojamento dos técnicos.**



**B – Planta baixa dos recintos tipo 1.**



**C – Planta baixa dos recintos tipo 2.**



## ANEXO 4 –Cartas de intenção

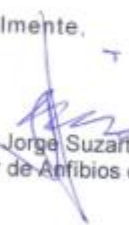


*Campus Soane Nazaré de Andrade, 3 de dezembro de 2013.*

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que me comprometo a receber, tomar, acondicionar e conservar o acervo zoológico de répteis e anfíbios eventualmente mortos durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturea Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giusepe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443. Todos os espécimes recebidos serão incorporados à coleção intitulada **Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Santa Cruz - MZUESC**. Após os procedimentos de praxe acima mencionados os referidos exemplares estarão disponíveis aos especialistas da área para consulta.

Cordialmente,

  
Antônio Jorge Suzart Argôlo  
Curador de Anfíbios e Répteis



Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
CGC: 40738999/0001-95

Departamento de Ciências Biológicas

Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, Pavilhão Jorge Amado  
Rodovia Jorge Amado, km 16, Bairro Salobrinho, CEP: 45.660-900, Ilhéus – Bahia – Brasil  
Tel: 3680-5105 Fone/Fax: (073) 3680-5226  
e-mail: [cbiolog@uesc.br](mailto:cbiolog@uesc.br)



**UNI VERSI DADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC**

**CONSELHO DE CURADORES DE COLEÇÕES CI ENTI FICAS**

**OFI C I O**

**REFERÊNCIA:** 015/2013

**DATA:** 02 de dezembro de 2013

**ORIGEM:** Prof. Martín R. Alvarez  
Presidente do Conselho  
Curador CMARF-UESC

**DESTINO:** Departamento de Infraestrutura de  
Transportes da Bahia – DERBA

**Assunto:** **DEPÓSITO DE MATERIAL BIOLÓGICO NAS COLEÇÕES CI ENTI FICAS DA UESC**


De minha consideração:

Como Curador responsável pela Coleção de Mamíferos "Alexandre Rodrigues Ferreira" (CMARF-UESC), venho por esta manifestar nossa concordância em receber, tomar, acondicionar e conservar os espécimes de mamíferos silvestres ocasionalmente coletados durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritagua, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturea Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giuseppe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443.

Esse material deverá ser entregue na UESC já taxidermizado (ou esse serviço técnico poderá ser realizado na CMARF, a combinar) e será incorporado às coleções científicas da UESC, onde estarão disponíveis aos especialistas para consulta. Para proceder ao tombamento, os espécimes deverão estar em bom estado de preservação e devidamente identificados (informando: espécie, local e data de coleta, nome do coletor; e quando possível: coordenadas geográficas e fitofisionomia do local de coleta, forma de captura e conservação, dados biométricos do espécime).

Certo de contar com vosso apoio e colocando-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

  
**Dr. Martín R. Alvarez**  
Professor Titular  
DCB-UESC

Curador da Coleção de Mamíferos  
Alexandre Rodrigues Ferreira (CMARF-UESC)

Departamento de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, Km. 16 (45662-900) Salobrinho – Ilhéus – Bahia – Brasil  
Tel. (73) 3680-5445 – Cel. (73) 8814-6582 – [malva@uesc.br](mailto:malva@uesc.br)





MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
**DIVISÃO DE AVES**  
AV. TRANSNORDESTINA S/N, NOVO HORIZONTE, DCBIO – LABIO – SALA 03.  
FEIRA DE SANTANA, BA.  
CEP 44.036-900 TEL/FAX: (75)3161-8019



Universidade Estadual de Feira de Santana, 03 de dezembro de 2013.

### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que me comprometo a receber, tomar, acondicionar e conservar o acervo zoológico de aves eventualmente mortos, além de ovos abandonados e ninhos, durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritagua, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturca Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giuseppe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443. Todos os espécimes recebidos serão incorporados à coleção da **Divisão de Aves do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana - DAMZFS**. Após procedimentos de praxe acima mencionados, os referidos exemplares estarão disponíveis aos especialistas da área para consulta.

Cordialmente,







Dr. Caio Graço Machado  
Curador da Divisão de Aves/MZFS.



## Anexo 5 - Cadastro Técnico Federal - CTF IBAMA



 <b>Ministério do Meio Ambiente</b> <b>Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis</b>			
<b>CADASTRO TÉCNICO FEDERAL</b> <b>CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR</b>			
<b>Registro n.º</b>	<b>Data da Consulta:</b>	<b>CR emitido em:</b>	<b>CR válido até:</b>
220443	28/11/2014	28/11/2014	28/02/2015
<b>Dados Básicos:</b>			
CPF:	748.728.695-91		
Nome:	ANGELO GIUSEPE RODRIGUES BRASILEIRO		
<b>Endereço:</b>			
Logradouro:	Rua Monte Conselho, 45		
N.º:	Complemento:		
Bairro:	Rio Vermelho	Município:	SALVADOR
CEP:	41940-370	UF:	BA
<b>Atividades de Defesa Ambiental:</b>			
<b>Categoria:</b>			
Código	Descrição		
1	5001 - Consultor Técnico Ambiental - Classe 5.0		
<b>Atividade:</b>			
Código	Descrição		
1	15 - Anilhamento de Aves Silvestres		
2	7 - Controle da Poluição		
3	5 - Educação Ambiental		
4	9 - Eletricidade		
5	2 - Qualidade da Água		
6	1 - Qualidade do Ar		
7	8 - Recuperação de Áreas		
8	13 - Segurança do Trabalho		
9	14 - Serviços Relacionados À Silvicultura		
10	10 - Auditoria Ambiental		
11	12 - Ecossistemas Terrestres e Aquáticos		
12	11 - Gestão Ambiental		
13	3 - Qualidade do Solo		
14	6 - Recursos Hídricos		
15	4 - Uso do Solo		
<p>Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais e de prestação de informações ambientais sobre as atividades desenvolvidas sob controle e fiscalização do Ibama.</p> <p>O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarar e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades.</p> <p>O Certificado de Regularidade não habilita o transporte e produtos e subprodutos florestais e faunísticos.</p>			

	<b>Ministério do Meio Ambiente</b> <b>Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis</b>	
<b>CADASTRO TÉCNICO FEDERAL</b> <b>CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR</b>		
O Certificado de Regularidade tem validade de três meses, a contar da data de sua emissão.		
Chave de autenticação	<i>e6kb.azav.aani.btuz</i>	

 <b>Ministério do Meio Ambiente</b> <b>Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis</b> <b>CADASTRO TÉCNICO FEDERAL</b> <b>CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR</b> 			
Registro n.º	Data da Consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
2708215	28/11/2014	28/11/2014	28/02/2015
<b>Dados Básicos:</b>			
CPF:	348.404.508-62		
Nome:	Lais Carvalho Encarnação		
<b>Endereço:</b>			
Logradouro:	Rua Monte Conselho, 45, Térreo		
N.º:	Complemento:		
Bairro:	Rio Vermelho	Município:	SALVADOR
CEP:	41949-370	UF:	BA
<b>Atividades de Defesa Ambiental:</b>			
<b>Categoria:</b>			
Código	Descrição		
1	5001 - Consultor Técnico Ambiental - Classe 5.0		
<b>Atividade:</b>			
Código	Descrição		
1	17 - Agente Ambiental Voluntário		
2	18 - Amost. biota pela metodo RAPELD		
3	12 - Ecossistemas Terrestres e Aquaticos		
4	5 - Educação Ambiental		
5	11 - Gestão Ambiental		
6	8 - Recuperação de Áreas		
Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais e de prestação de informações ambientais sobre as atividades desenvolvidas sob controle e fiscalização do Ibama.			
O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvará e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades.			
O Certificado de Regularidade não habilita o transporte e produtos e subprodutos florestais e faunísticos.			
O Certificado de Regularidade tem validade de três meses, a contar da data de sua emissão.			
Chave de autenticação		21a8.23fz.g1b1.9qpk	